



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

**Gestalt-terapia com crianças: uma análise de sua produção teórica no Brasil**

Mariana V. Pajaro

Brasília, DF

2015

**Gestalt-terapia com crianças: uma análise de sua produção teórica no Brasil**

Mariana V. Pajaro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito ao título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Jorge Ponciano Ribeiro

Brasília, DF

2015

**Gestalt-terapia com crianças: uma análise de sua produção teórica no Brasil**

Mariana V. Pajaro

Orientador: Jorge Ponciano Ribeiro

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito ao título de Mestre em Psicologia.

Aprovada por:

---

Prof. PhD. Jorge Ponciano Ribeiro (UnB) – Presidente

---

Prof. Dr. Marcelo Tavares (UnB) – Convidado

---

Profa. Dra. Virgínia S. M. Costa (PUC-GO) – Convidada

---

Profa. Dra. Fabiana Gauy (UnB) – Suplente

Brasília, DF

2015

A todas as crianças com as quais tive o imenso prazer de me relacionar, como psicoterapeuta, ou simplesmente como Mariana, por me permitirem resgatar a criança que existe em mim, tomada pelo mesmo amor que tenho por elas. Por acreditar que nisto consiste o sentido da minha existência: cuidar de crianças.

## **Agradecimentos**

A Deus, em primeiro lugar, por me permitir viver essa experiência tão determinante em minha vida. Por me ensinar que todo grande esforço guarda em si uma grande conquista.

A Capes, pelo apoio recebido para o desenvolvimento deste trabalho.

A meu orientador Jorge Ponciano Ribeiro, por me permitir materializar neste trabalho o sonho de estudar, de forma sistemática, uma grande paixão pessoal: a Gestalt-terapia com crianças.

A todos os participantes do estudo, anônimos ou não, que permitiram, por meio de suas vivências, ampliar meu olhar e compreensão da realidade brasileira a respeito da produção teórica da clínica gestáltica infantil.

Aos membros da banca examinadora por aceitarem o convite de participarem da defesa de minha dissertação, contribuindo com suas avaliações.

A minha família, pai, mãe e irmã, por acreditarem em mim e me proporcionarem, cada um à sua maneira, o suporte necessário para que eu pudesse me dedicar inteiramente a este sonho.

A meu noivo Rafael, por me ensinar que aonde quer que eu chegue, posso sempre ir além. Seu incentivo contínuo me faz, a exemplo do profissional que é, desejar crescer cada dia mais.

A Celana Cardoso Andrade, minha psicoterapeuta, eterna professora e supervisora que, ocupando variados papéis, me acompanha na árdua caminhada de me construir uma pessoa e uma psicoterapeuta melhor.

Aos colaboradores da pesquisa Alair, Katsumi, Solange e Thalita, alunos da UnB, pela importante contribuição na etapa de catalogação desta pesquisa. Nossos encontros e debates, somados à dedicação do grupo foram essenciais para a obtenção sistemática dos dados alcançados.

Aos colegas psicoterapeutas Guilherme, Laís e Renata, por me auxiliarem na etapa de categorização dos temas e pelas leituras recorrentes deste texto que visavam ao aperfeiçoamento da dissertação.

As crianças com as quais tive e tenho a oportunidade de compartilhar experiências, por serem sempre meu maior e melhor incentivo para atendê-las e pesquisar sobre elas. Cada uma a seu modo me ensina um novo jeito de olhar o mundo.

## Resumo

O estudo se propõe investigar e descrever o cenário da Gestalt-terapia com crianças no Brasil, a partir do levantamento da produção teórica, aqui delimitada a artigos e livros, e do olhar de protagonistas, autores e profissionais dessa área. Secundariamente, tem a finalidade de catalogar a produção teórica nacional com esse enfoque, identificar seus protagonistas, descrever a situação atual das produções, detectando lacunas e perspectivas nessa abordagem, de modo a compreender o desenvolvimento teórico desse saber. Configura-se como uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo, valendo-se do uso de entrevista semi-estruturada, questionário eletrônico e revisão bibliométrica. A bibliometria é uma técnica que possibilita a medição dos índices de produção e possibilita descrever aspectos da literatura. A pesquisa desenvolve-se em quatro etapas principais: 1. catalogação da produção teórica; 2. identificação e entrevista com os protagonistas (aqueles que contabilizaram maior número de obras); 3. aplicação de questionário eletrônico nos autores identificados por possuírem uma publicação; e 4. aplicação de questionário eletrônico nos profissionais da Gestalt-terapia infantil que nunca publicaram. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo categorial temática, que constrói categorias a partir dos temas presentes no discurso. Foram catalogadas, ao todo, 48 produções, das quais seis livros e 42 artigos ao longo dos 34 anos que compreendem desde a data da primeira obra catalogada (1980) até o fim da busca (2014). Essa produção está concentrada, sobretudo, nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, embora todas as regiões brasileiras contabilizem publicações. Os dados revelam crescimento tímido e inconstante da produção teórica no Brasil, direcionada, sobretudo, às bases teóricas da Gestalt-terapia, com destaque para a Teoria de campo de Kurt Lewin. A compreensão qualitativa abarcou os principais temas referidos pelos

participantes do estudo, dos quais emergiram as categorias: 1. as primeiras produções no Brasil; 2. o cenário atual da literatura brasileira; 3. lacunas e perspectivas teóricas; 4. o que leem os gestalt-terapeutas infantis; 5. motivações e desafios de publicar e; 6. as particularidades do atendimento infantil. Conclui-se que a pesquisa em Gestalt-terapia com crianças caminha lentamente, dada sua pouca tradição de publicar, fruto da histórica herança dicotômica entre teoria e prática, apontando para a relevância de integrá-las como meio de contribuir com o progresso dessa literatura. Ademais, destaca-se como perspectiva futura o desafio de pensar a criança brasileira do século XXI, de modo a refletir sobre suas demandas atuais e sobre as consequentes implicações dessas demandas no processo psicoterapêutico.

**Palavras-chaves:** Gestalt-terapia; Crianças; Produção Teórica; Artigos; Livros.



## Abstract

The study proposes to investigate and describe the scenario of Gestalt Therapy with children in Brazil, from the survey of the theoretical production, here delimited in articles and books, and the look of protagonists, authors and practitioners in this area. Secondly, it has the purpose of cataloging the theoretical national production with this approach, identifying its protagonists, describing the current situation of the productions by detecting gaps and perspectives in this approach, in order to understand the theoretical development of this guideline. It appears as a qualitative research of descriptive character, taking advantage of the use of semi-structured interview, electronic questionnaire and bibliometric review. The Bibliometrics is a technique that allows the measurement of production and describes aspects of literature. It comprises four main steps: 1. cataloging of theoretical production; 2. identification and interview with the protagonists (those that accounted for the largest number of works); 3. application of electronic questionnaire in the authors identified by a publication; and 4. application of electronic questionnaire in the professionals of children's Gestalt Therapy that have never published. Data was analyzed from the categorical thematic content analysis, building categories from the themes present in the speech. There were cataloged, in all, 48 productions, of which 6 books and 42 articles over the 34 years since the date of that first work catalogued (1980) until the end of the research (2014). This production is concentrated mainly in the Southeast and Central parts of the country, although all Brazilian regions account for publications. The data shows a shy and unstable growing of theoretical production in Brazil, directed mainly to theoretical bases of Gestalt Therapy, with emphasis on the Field Theory of Kurt Lewin. A qualitative understanding encompassed the main themes expressed by the participants

of the study, from which the following categories emerged: 1. the first productions in Brazil; 2. the current scenario of Brazilian literature; 3. gaps and theoretical perspectives; 4. what children's Gestalt-therapists read; 5. motivations and challenges of publishing; 6. the particularities of the child care. We are able to conclude that the research in Gestalt therapy with children walks slowly , given their little tradition of publishing , the result of historical heritage dichotomy between theory and practice, pointing to the importance of integrating them as a means of contributing to the progress of literature. Furthermore, it stands out as a future perspective the challenge of thinking of Brazilian children of the 21st century, to reflect on their current demands and on the consequent implications of these demands in the psychotherapeutic process.

**Keywords:** Gestalt Therapy; Children; Theoretical Production; Articles; Books.

## Sumário

<b>Dedicatória.....</b>	<b>iv</b>
<b>Agradecimentos.....</b>	<b>v</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>vii</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>ix</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1: A Gestalt-terapia .....</b>	<b>5</b>
1.1 A herança dicotômica da Abordagem Gestáltica.....	7
<b>Capítulo 2: Atendendo crianças.....</b>	<b>9</b>
2.1 Para que brincar com crianças?.....	10
2.2 Para que conhecer sobre crianças?.....	13
2.3 Para que pesquisar e publicar?.....	15
<b>Capítulo 3: A pesquisa.....</b>	<b>17</b>
3.1 Catalogação da produção teórica.....	19
3.2 Identificação e entrevista com os protagonistas.....	21
3.3 Aplicação de questionário eletrônico nos autores com uma única publicação.....	21
3.4 Aplicação de questionário eletrônico aos profissionais da Gestalt-terapia infantil que não publicaram.....	22

<b>Capítulo 4: Uma radiografia da produção teórica no Brasil.....</b>	<b>23</b>
4.1 Catalogação.....	24
4.1.1 Livros.....	25
4.1.2 Artigos.....	29
4.1.3 Protagonistas e outros autores.....	37
4.2 Um panorama brasileiro.....	38
<b>Capítulo 5: A clínica gestáltica infantil de ontem, hoje e amanhã.....</b>	<b>40</b>
5.1 As primeiras produções no Brasil.....	40
5.2 A percepção da literatura disponível.....	47
5.3 Lacunas e perspectivas teóricas.....	51
5.4 O que leem os gestalt-terapeutas infantis.....	56
5.5 Motivações e desafios de publicar.....	62
5.5.1 Delimitação da demanda ou interesse.....	70
5.5.2 Pesquisa e escrita.....	71
5.5.3 Compartilhar o estudo.....	72
5.6 As particularidades do atendimento infantil.....	74
<b>Capítulo 6: Considerações finais.....</b>	<b>79</b>
<b>Referências.....</b>	<b>86</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>97</b>
Apêndice A - Entrevista Versão Protagonistas.....	98

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Versão Protagonista.....	99
Apêndice C - Questionário Eletrônico Versão Autores.....	101
Apêndice D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Versão Autores e Profissionais.....	102
Apêndice E - Questionário Eletrônico Versão Profissionais.....	104

## Introdução

O último censo demográfico (IBGE, 2010) contabilizou que, do total de 190 milhões de brasileiros, 30 milhões têm entre zero e dez anos – o que equivale a aproximadamente 15% da população. Considerado o intervalo de zero a 14 anos, essa porcentagem sobe para quase 24%, isto é, quase um quarto do total de habitantes do país. Direcionada a esse público, o UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância, presente no Brasil desde 1950, destaca a condição de vulnerabilidade de crianças e adolescentes, por serem especialmente afetados por diferentes tipos de violência, e desenvolve trabalhos na direção de prover melhores condições de saúde e educação, bem como de assistência às vítimas de violência física e sexual. Frente a tais adversidades que permeiam a infância, o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, aprovado em 1990, apresenta-se como uma lei voltada à proteção de crianças e adolescentes no Brasil, e destaca:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990, artigo 4º)

Ainda que resguardada legalmente, a Unicef destaca a condição especialmente frágil dessa população, que a predispõe a situações mais suscetíveis à violação de seus direitos, dispensando a ela cuidados no âmbito familiar e social. Tendo em vista isso, o material informativo *Saúde da criança* (n.d.), do Ministério da Saúde, preconiza:

“desenvolver o país é investir hoje no amanhã das crianças brasileiras” (p.2). Partindo do conceito *saúde integral da criança*, destaca também que ações de promoção de saúde, prevenção de agravos e assistência à criança constituem o compromisso de prover qualidade de vida para que a criança possa crescer e desenvolver todo o seu potencial. Sendo assim, pode-se questionar de que forma é possível contribuir com o melhor crescimento e desenvolvimento das crianças brasileiras. Aproximar-se dessa reflexão possibilita às variadas áreas de conhecimento e atuação repensarem seu compromisso e contribuição perante as demandas que emergem socialmente.

No cenário da Psicologia, há um destaque para a contribuição das práticas psicoterápicas que, fundamentadas em variadas teorias e técnicas, estão voltadas à extensão de possibilidades, tornando-se a ciência da pessoa humana, e, por conseguinte, da vida (Ribeiro, 2013). Dentre elas, a Gestalt-terapia é uma abordagem fenomenológica existencial de grande alcance atual no Brasil e no mundo que, após seis décadas de sua fundação, extrapolou os limites da clínica alcançando os mais diversos contextos e demandas sociais. Especificamente no contexto clínico, qualquer que seja a demanda, o processo psicoterapêutico gestáltico oferece a possibilidade de resgatar o curso satisfatório do desenvolvimento da criança, por meio de uma relação terapêutica suportiva e cuidadosa (Aguiar, 2014; Oaklander, 1992). Assim, é comumente observado que vivenciar uma experiência psicoterapêutica na qual a criança experimenta ser respeitada, ouvida e acolhida pode ser decisivo na experiência posterior de muitas delas (Aguiar, 2014).

Tais apontamentos exprimem, portanto, uma responsabilidade ética no trabalho psicoterapêutico com crianças que justifica a relevância de integrar a prática clínica a seu arcabouço teórico, configurando um modo de compreensão fundamentado e coerente que as beneficie. Por esse motivo, é fundamental que o gestalt-terapeuta

conheça os fundamentos de sua abordagem, valendo-se de uma atitude reflexiva, contribuindo com a expansão e atualização do conhecimento – aqui, relacionado à criança. Isso repercute diretamente na possibilidade de colaborar com os cuidados a essa população tão significativa, que influencia diretamente no futuro de uma nação.

A Gestalt-terapia esteve por muito tempo associada a uma visão predominantemente técnica, desconectada de sua fundamentação teórica. Tal equívoco deve-se ao fato de que as primeiras obras traduzidas no Brasil estavam direcionadas, em sua maioria, ao uso de técnicas e experimentos. Em decorrência disso, o que se viu foi uma onda crescente de esforços na direção de consolidar as bases teóricas e filosóficas desse saber, realçando uma preocupação epistemológica. No que tange à área infantil, considera-se que a literatura está em processo de crescimento (Aguiar, 2014). No entanto, sua configuração em solo brasileiro se apresenta mais em caráter especulativo, por não haver comprovações sistematizadas a esse respeito. Identificar tal realidade possibilita ter acesso a um panorama fidedigno que elucide avanços e lacunas nessa área, contribuindo também para o crescimento da abordagem gestáltica.

Além disso, na experiência clínica da autora, sobretudo no início de sua atuação, sentiu-se muito a carência de um referencial teórico mais amplo que amparasse sua prática com crianças. Essa necessidade, partilhada com colegas da área, parece configurar um desafio atual na formação do gestalt-terapeuta infantil. Nessa direção, o estudo oferece significativas contribuições tanto para a autora como para os profissionais da área da Gestalt, e mesmo da Psicologia como um todo, ao disponibilizar uma catalogação de temas ligados ao atendimento infantil e ao convidá-los a repensarem, a partir dos dados alcançados, sua responsabilidade para com a tarefa de estudar, produzir e compartilhar conhecimentos ligados à clínica com crianças.



Desta feita, este trabalho surge como uma tentativa de trazer à luz o cenário que se configura na clínica infantil da abordagem gestáltica no Brasil, no que tange a suas publicações. Para tanto, tem como objetivo investigar e descrever o cenário da Gestalt-terapia com crianças no Brasil, a partir do levantamento da produção teórica de artigos e livros, e do olhar de gestalt-terapeutas. A partir disso, visa a catalogar a produção teórica nacional da Gestalt-terapia com crianças, identificar os protagonistas da área, descrever a situação atual das produções, detectando lacunas e perspectivas nessa abordagem, de modo a compreender o desenvolvimento teórico desse saber e suas implicações no modelo de atendimento gestáltico adotado atualmente.

## Capítulo 1

### A Gestalt-terapia

Toda realidade se configura como tal a partir de um contexto que a circunda e lhe confere forma. Compreender a produção teórica da Gestalt-terapia no Brasil requer, essencialmente, um olhar cuidadoso para a história dessa abordagem, desde sua concepção à atualidade, incluindo perspectivas futuras. Nessa direção, serão apontados, a seguir, aspectos históricos da Gestalt-terapia como um todo, dando-se especial importância à sua constituição em solo brasileiro. Esforços para sistematizar a história desta abordagem vêm sendo observados nos últimos anos por diversos autores empenhados em contá-la de diferentes maneiras (Ciornai, 1997; Prestelo, 2001; Suassuna, 2008;), o que evidencia a relevância deste resgate.

A Gestalt-terapia tem como pai fundador Frederick Salomon Perls, o Fritz Perls, alemão, neuropsiquiatra e psicanalista que, sob diversas influências ao longo de sua carreira, distanciou-se, após sucessivas decepções, do modelo freudiano (Perls, 1979), dando origem a uma nova teoria. Ao lado de Laura Perls, psicanalista com quem era casado, passou pela Holanda, permaneceu por anos na África do Sul até se estabelecer em Nova York, nos Estados Unidos. Publicou, em 1947, com a contribuição de Laura, a obra *Ego, Hunger and Agression*, na qual constava o embrião dos pressupostos que caracterizariam a nova abordagem (Lilienthal, Fernandes e Ciornai, 2001).

Alguns anos depois, mais especificamente em 1951, o termo Gestalt-terapia é empregado pela primeira vez, com a publicação do livro *Gestalt therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*, em co-autoria com Ralf Hefferline e Paul Goodman. Era composto por dois volumes: um deles continha a estruturação teórica da abordagem e, o outro, exercícios comentados referentes à prática (Prestelo, 2001).

Diferentemente de quando traduzida para o português, a obra inicial americana abarcava a compilação de ambas as unidades.

Em 1952, em terras americanas, nasce formalmente a Gestalt-terapia, a partir da composição do chamado “grupo dos sete” – Fritz Perls, Laura Perls, Paul Goodman, Isadore From, Paul Weisz, Elliot Shapiro e Sylvester Eastmanque – e da criação do “Gestalt Institute of New York” (Frazão, 2013; Lilienthal et al., 2001; Prestelo, 2001; Suassuna, 2008). Essa abordagem surge como uma terceira força na Psicologia, dentro da corrente humanista, em contraposição aos modelos psicanalítico e comportamentalista predominantes na época. Fundamentada nas filosofias de base do Humanismo, Existencialismo e Fenomenologia, bem como na Psicologia da Gestalt, Teoria de Campo (de Kurt Lewin) e Teoria Organísmica (de Kurt Goldstein), foi difundida posteriormente por diversos países no mundo.

Em solo brasileiro, a abordagem chega no início dos anos 70, período de ditadura e intensa repressão política. O primeiro contato acontece em 1972 por meio de um artigo de Therése Tellegen, seguido pela criação, em 1973, de um grupo de estudos sobre Gestalt-terapia, e, posteriormente, em 1976, pela formação do primeiro grupo de profissionais brasileiros por gestalt-terapeutas estrangeiros (Holanda & Karwowski, 2004). Na década seguinte, em 1981, foi inaugurado o primeiro núcleo de formação, em São Paulo, e em 1986, aconteceu o primeiro encontro de Gestalt no Brasil, ainda que com caráter regional, no estado do Rio de Janeiro. Atualmente, existem mais de 60 livros publicados, além de artigos e capítulos de livros somados às inúmeras revistas e ao número crescente de teses de mestrado e doutorado na área (Holanda, 2009; Frazão, 2013).

## 1.1 A herança dicotômica da Abordagem Gestáltica

Por herança compreende-se “o que foi transmitido pelos pais, pelas gerações anteriores, por predecessor(es), pela tradição etc.; legado, herdade” (Houaiss, 2015). Alcançar os desdobramentos atuais da realidade da Gestalt-terapia requer um olhar voltado à sua concepção e primeiros passos, além de elucidar aspectos relevantes em sua divulgação. Retomando as origens, verifica-se que, após a fundação desta nova psicoterapia em solo americano, sua disseminação na década de 50 foi marcada por um intenso programa de workshops e grupos de estudo pelo país, dividindo-se em dois grandes movimentos pelo mundo: um mais experiencial e outro direcionado a aprofundar suas bases teóricas e filosóficas (Frazão 2013; Yontef, 1998).

Territorialmente, observou-se essa cisão representada pela corrente da Califórnia, sob o comando de Perls, e pela de Nova York, ligado a Laura, Goodman e From, que ganhou destaque e se expandiu, sobretudo na Europa (Frazão, 2013). Sobre a transmissão da Gestalt-terapia, destaca-se:

Nos seus primórdios, o treinamento era bastante heterogêneo e na maior parte dos lugares ocorria principalmente com workshops vivenciais, com pouca ou nenhuma elaboração teórica, seguindo o modelo californiano de Perls. No entanto, com o passar do tempo, a influência do grupo nova-iorquino se fez notar na maior parte do mundo (Frazão, 2013, p. 20).

Essa fragmentação também pôde ser observada nas publicações iniciais da Gestalt-terapia no Brasil. As primeiras traduções de livros para a língua portuguesa foram as obras *Gestalt-terapia Explicada*, de Frederick Perls, e *Tornar-se presente*, de John

Stevens. Visto que ambas estão centradas no aspecto técnico, seu nascimento no país foi marcado por rigorosas críticas no que tange a seus alicerces teóricos. Há de se destacar que, em função de questões legais, a obra marco *Gestalt-terapia*, de Perls, Hefferline e Goodman foi traduzida somente no ano de 1997. Em função disto, a literatura inicial brasileira caracterizou-se por um enfoque vivencial, que não evidenciava os alicerces teórico e filosófico que o amparavam, o que resultou tanto em uma prática pouco fundamentada, por alguns, quanto nos esforços de embasá-la, por outros.

Destarte, confirmando tal herança, a Gestalt-terapia nasce e dá seus primeiros passos alicerçada em uma dicotomia, que reverbera em seu desenvolvimento posterior e que ressoa, ainda hoje, como desafio a ser constantemente refletido e respondido pelos gestalt-terapeutas. O risco de repetir sua história serve como alerta ao estigma decorrente do movimento da década de 60 – conhecido como “gestalt-e” – que se caracteriza por uma associação pura e simples de técnicas sem considerar sua adequação epistêmica (Holanda, 2005). No contexto clínico, essa preocupação aumenta por configurar uma prática solitária, que, ao centrar-se na relação psicoterapêutica, incorre no risco de manter menor diálogo com a comunidade acadêmica.

Fruto de um histórico desacordo entre teoria e prática, a Gestalt-terapia reflete um desencontro atual entre a clínica e a academia, aqui representadas pela prática e teoria, acarretando uma polarização que desconsidera sua totalidade. Com isso, há o risco iminente de simplificar um modelo e limitar suas possibilidades (Holanda, 2005), o que pode dificultar especialmente sua expansão e inserção no meio acadêmico. Mais de sessenta anos após sua fundação, essa herança permeia a prática do gestalt-terapeuta e o desafia constantemente a integrá-la à epistemologia e fundamentos desse saber, superando a histórica dicotomia que os compreende.

## Capítulo 2

### Atendendo crianças

“Observamos uma crescente demanda no mercado de trabalho de psicoterapeutas que lidem com crianças” (Aguiar, 2014, p. 230). Esta pesquisa se constrói em cima da problematização a respeito de como a teoria em Gestalt-terapia com crianças vem se desenvolvendo, posto que esta é uma vertente essencial à constituição e formação do gestalt-terapeuta que trabalha com crianças. Isso resgata a premissa de que ser psicoterapeuta de crianças a partir desta abordagem é um ato criativo, consciente e fundamentado. Frente a uma demanda de atendimento cada vez maior, é fundamental refletir sobre a capacitação atual do psicoterapeuta de modo claro e sistemático.

Alguns psicoterapeutas não conhecem a fundo o sentido da natureza lúdica do atendimento clínico infantil, empregando-a de modo desprezioso e desprovido de uma correlação teórica, o que privilegia a máxima da “prática pela prática”. O brincar, alicerçado no processo do desenvolvimento humano e nos preceitos da Gestalt-terapia, é proposto aqui como uma atitude que, embora se revele primordial nessa psicoterapia, mostra-se insuficiente e limitada quando dissociada da compreensão epistemológica da abordagem. É fundamental que o gestalt-terapeuta integre, com relativo domínio, a complementaridade existente entre a prática e a teoria, concebendo a pesquisa como um processo contínuo em que estas se retroalimentam. Desse modo, será explorada, a seguir, uma gama de reflexões no tocante à brincadeira, ao conhecimento específico sobre a criança e à pesquisa e publicação nessa área.

## 2.1 Para que brincar com crianças?

Considerando a perspectiva processual do desenvolvimento, a aquisição da linguagem é compreendida a partir de uma continuidade de capacidades adquiridas que expressam a evolução maturacional humana, e que, portanto, revelam um movimento contínuo que deve ser compreendido, respeitado e acolhido pelo profissional. Em concordância, Fernandes (1995) salienta a diferença entre o adulto e a criança visto que os diferentes momentos do processo de desenvolvimento em que se encontram evidenciam, sobretudo, a diferença na linguagem e no encadeamento do pensamento. Segundo a autora, a criança parte da experiência sensível, segue para as operações concretas, para só então ir em direção às lógicas e formais. Posto isso, é incompatível com a fundamentação gestáltica desconsiderar questões relativas ao desenvolvimento, exigindo dela, explícita ou sutilmente, uma expressão restrita aos recursos verbais.

O atendimento infantil nessa abordagem se assemelha e se diferencia do atendimento aos demais públicos no contexto clínico, quando analisadas algumas especificidades dessa faixa etária. Identifica-se com as demais psicoterapias por ser igualmente fundamentada nas bases teóricas e filosóficas da Gestalt-terapia, valendo-se da mesma visão de homem, de mundo e metodologia de trabalho. Distingue-se, entretanto, no meio de acesso ao cliente, o que, com crianças, acontece essencialmente pelo brincar, caracterizando um processo em que predomina a linguagem lúdica (Aguiar, 2014). Há, ainda hoje, lacunas no conhecimento sobre o conceito e o processo de brincar (Rodrigues & Nunes, 2010), o que também perpassa o atendimento clínico gestáltico infantil e carece ser mais amplamente esclarecido.

A brincadeira é o contato da criança *com* e *no* mundo. Contato, na perspectiva da Gestalt-terapia, tem a ver com “relacionar-se, com encontrar-se consigo mesmo e com o

outro, sem nunca perder a perspectiva de que tudo ocorre no mundo” (Ribeiro, 2006, p.91). O contato é o sangue vital do crescimento e o meio pelo qual é possível mudar a si mesmo e à experiência que se tem do mundo (Polster e Polster, 2001). Isso implica compreender o brincar como manifestação autêntica no aqui-e-agora.

Há um aspecto sistemático na brincadeira: a criança expressa e experimenta sua necessidade por meio dela, o que traduz sua busca e tentativa de satisfação. Brincar desempenha uma função vital para a criança (Oaklander, 1980), a partir da qual ela vivencia seu mundo, faz contato com outras crianças e com situações adversas – como, por exemplo, o prazer de ganhar e a frustração de perder – além de desenvolver sua criatividade e novas formas de lidar com seus sentimentos (Zanella, 2004). Brincar *com* é falar o mesmo idioma, de modo a estabelecer uma compreensão mútua que resulta, inevitavelmente, em um momento de encontro verdadeiro e transformador. O brincar não é tolo, dispensável ou irrisório no processo terapêutico, é imprescindível. Perls, Hefferline e Goodman (1997) descrevem que a sensação vivida e a brincadeira irrestrita, aparentemente sem objetivo, permitem à criança o fluir de sua energia, levando-a a invenções fascinantes.

Por tudo isso, no brincar reside uma possibilidade de relação transformadora. O brincar, atitude essencial no contato com a criança e ponto de partida do exercício terapêutico com esse público, parece confundir e desafiar os psicoterapeutas que, distanciados dessa linguagem, se sentem perdidos e frustrados perante a manifestação da criança. Por mais simples que possa parecer, a capacidade de estar presente, confirmar, acolher e intervir na brincadeira configuram-se em grandes desafios ao adulto. Para tanto, é preciso que o psicoterapeuta se instrumentalize da própria criança que foi, outrora “falante” da mesma língua, resgatando-a como recurso principal para favorecer o encontro genuíno. Inevitavelmente, isso demanda do gestalt-terapeuta



colocar-se frente ao desafio de reviver sua infância e de reconfigurar sua história (Zanella, 2010).

É comum escutar psicoterapeutas iniciantes (ou não), ao mencionarem sua prática com crianças, dizerem “estar só brincando” no consultório. Quando se propõe uma atitude livre e espontânea de brincar, no aqui-e-agora da criança, a Gestalt-terapia se alicerça na Fenomenologia, que preconiza o fenômeno como reações ou modos de reagir do homem com relação ao mundo (Ribeiro, 2012), sendo estes, portanto, foco de interesse do gestalt-terapeuta. Para tanto, fundamenta-se no método fenomenológico que, por meio da descrição, está voltado para o modo como as coisas ou a criança se apresentam diante do olhar do psicoterapeuta (Antony, 2012). Sendo assim, difere-se do modelo interpretativo por funcionar como um “convite” à criança para que descreva a sua experiência (Aguiar, 2014), o que advém da crença de que é ela a única detentora do sentido e dos significados de suas produções.

O brincar pelo brincar, não assegura o valor psicoterapêutico da brincadeira, permeado pela possibilidade de intervenções que favoreçam a *awareness* e crescimento da criança. Por *awareness* compreende-se a consciência da própria consciência, que ocorre quando todo o ser, incluindo suas percepções, emoções, sentimentos e pensamentos, trabalha para que se possa ressignificar o dado (Ribeiro, 2006). Posto isso, qualquer outra atitude desvincilhada de um objetivo coerente com essa abordagem vira mera recreação e, portanto, não é compatível com esse processo de psicoterapia. Assim, o brincar de modo aleatório incorre na ameaça de desconectar-se dessa tarefa, o que exige do gestalt-terapeuta estar cômico de suas intervenções e de seu papel na relação.

## 2.2 Para que conhecer sobre crianças?

É importante distinguir Gestalt-terapia com crianças de psicoterapia do improviso, visto que há na abordagem gestáltica o embasamento em uma epistemologia suficientemente eficaz e consistente para a compreensão e intervenção nas demandas clínicas infantis. Assim, não é cabível um psicoterapeuta desvencilhado da compreensão do “para que” está intervindo dessa ou de outra forma, encaminhando desse ou de outro modo (Aguiar, 2014; Lizias, 2010), o que confere sentido e alicerce a uma atuação responsável, cuidadosa e efetiva. O atendimento clínico infantil na Gestalt-terapia demanda tanto o conhecimento acerca dos fundamentos da abordagem e das particularidades da criança quanto uma integração reflexiva e contextualizada entre ambos. Isso se diferencia de uma atuação meramente pautada no *feeling* do psicoterapeuta que, ainda que seja precioso, deve estar alicerçado teórica e filosoficamente (Lizias, 2010).

Atender crianças exige empatizar-se, ter jeito com elas e, tão importante quanto, conhecer o mundo infantil. Tal aproximação acontece pela experiência de contato direto com os pequenos, ao observar suas manifestações e expressões, gostos e interesses, e também através de estudos e reflexões direcionados à compreensão destes em seus respectivos contextos. Para tanto, assim como nos aponta Perls et al. (1997), toda investigação psicológica parte da interação do organismo com seu ambiente, tomando-o não como uma dimensão física apenas, mas social. Desse modo, acrescentam os autores, “em qualquer estudo de ciências do homem, tais como a fisiologia humana, psicologia ou psicoterapia, temos de falar de um campo no qual interagem pelo menos fatores socioculturais, animais e físicos” (p. 43). Preconiza-se com isso, um olhar perceptivo da

criança contextualizada histórica e culturalmente, como algo intrínseco à maneira pela qual ela se apresenta.

A teoria de campo, de Kurt Lewin, oferece contribuições ao fundamentar que uma compreensão sobre como o sentido das ações de uma pessoa é algo que se coaduna à relação dela com seu meio (Rodrigues, 2013). Lewin (1965) define campo como “uma totalidade de fatos existentes que são concebidos como mutuamente interdependentes” (p. 269). Desse modo, conhecer a criança requer uma abrangência de sua totalidade nos campos familiar, escolar, histórico, cultural, social e econômico, que permitam localizar o psicoterapeuta frente à complexidade a ser por ele abarcada. Essa ampliação retoma o compromisso ético com a tarefa terapêutica no atendimento infantil gestáltico, centrada na totalidade organismo/ambiente.

Psicoterapia, como descreve Ribeiro (2005) é ciência, técnica e arte. O conhecimento aqui destacado refere-se a algo além da compreensão e assimilação das bases teóricas e filosóficas dessa abordagem, alcançando a capacidade de abarcar a complexidade da configuração têmporo-espacial. Isto é, somada ao conhecimento teórico, a possibilidade de ampliá-lo a uma percepção crítica que envolva a totalidade, em uma perspectiva realista, pluralista, sistêmica do que é esta realidade (Holanda, 2005), considerando o tempo e o espaço do qual emerge. Assim, reitera o autor: “é isto que faz o diferencial entre o técnico (o mero “aplicador” de uma abordagem) e o cientista (o real conhecedor da complexidade desta abordagem)” (Holanda, 2005, p.51). Tal reflexão nos remonta à dimensão histórica e sociocultural como cerne de todo conhecimento, que, portanto, carece ser sistematizado cientificamente.

Desta feita, o conhecimento do gestalt-terapeuta pressupõe a apreensão do que está posto filosófica e teoricamente pela abordagem, e, com a mesma relevância, a contextualização e correlação crítica desses pressupostos, o que alcança a questão da

formação do psicoterapeuta infantil. Aguiar (2014) discorre a respeito do deficiente embasamento observado nos cursos de graduação em Psicologia sobre o trabalho clínico com crianças e o tempo insuficiente destinado ao ensino da psicoterapia com crianças nas formações oferecidas em Gestalt-terapia pelo Brasil. É evidente que quanto menor o espaço destinado a este saber menor a capacidade de se conhecer e se refletir criticamente sobre ele. Nesse aspecto, destaca-se a relevância da pesquisa e da publicação na crescente inserção acadêmica do tema – o que está na base da constituição do psicoterapeuta.

### **2.3 Para que pesquisar e publicar?**

“A abordagem da gestalt para a psicoterapia não é alvo de uma boa pesquisa; a produção escrita a respeito desse tema só teve incremento muitos anos após seu desenvolvimento” (Gold e Zahan, 2014, p. 43). Pesquisar requer estudo, ao passo que publicar envolve democratizar conhecimento. Sabadini, Sampaio e Koller (2009) elucidam que a publicação é o passo final da pesquisa, ao passo que escrever é um compromisso moral e ético a ser atendido pelos pesquisadores, de modo a contribuir com o progresso da ciência. Ademais, esses dois passos envolvem a possibilidade de beneficiar outros profissionais quando os achados de uma pesquisa se tornam públicos.

Há um tríplice benefício nas pesquisas com clínica infantil: a criança, o psicoterapeuta, e a abordagem gestáltica. Apesar da criança, nota-se que quanto maior o conhecimento acerca de seu universo e funcionamento, mais efetiva à sua necessidade será a psicoterapia. O psicoterapeuta, por sua vez, munido de conhecimento, sente-se mais seguro no desafio de atender essa faixa etária, aprimorando o seu manejo clínico. E, inevitavelmente, a própria abordagem gestáltica, frente a uma

gama de pesquisas e trabalhos científicos, fortalece sua notoriedade no cenário das psicoterapias, além de expandir sua inserção na academia, por meio de disciplinas específicas e orientação em cursos de mestrado de doutorado.

Em concordância com esta perspectiva, Gold e Zahan (2014) discorrem: “essa abordagem deve se ajustar criativamente ao *zeitgeist* do tempo, a fim de sobreviver. Isso significa que é necessário fazer pesquisas que permitam à Gestalt-terapia ocupar o seu lugar na lista das abordagens ‘empiricamente validadas’” (p. 50). A atualização teórica somada à expansão de técnicas e novas metodologias de pesquisa na Gestalt-terapia incitam no pesquisador clínico a abertura a novas perspectivas de estudo que contribuam para a indispensável reconfiguração criativa da abordagem gestáltica.

### Capítulo 3

#### A Pesquisa

O presente estudo constitui-se como pesquisa qualitativa descritiva, visto que direciona-se a abarcar a complexidade de determinado problema (Dalfovo, Lana & Silveira, 2008). Não está direcionado à inferência da representatividade numérica encontrada, restringindo-se à descrição de tais números conforme encontrados na busca realizada. Conforme elucida Deslauriers (1991), o “objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações” (p. 58). O caráter descritivo empregado à pesquisa pretende descrever fatos e fenômenos de determinada realidade (Triviños, 1987), possibilitando explorá-los rumo à sua compreensão.

A fim de contemplar os objetivos de investigar e descrever a produção teórica sobre o tema “Gestalt-terapia com crianças no Brasil”, realizou-se sobre ele uma revisão bibliométrica. O termo bibliometria, antes conhecido como “bibliografia estatística”, refere-se a uma técnica quantitativa e estatística de medição dos índices de produção e disseminação do conhecimento científico, baseando-se na aplicação de técnicas estatísticas para descrever aspectos da literatura (Araújo, 2006). André (2012) assim a define:

A partir dos conceitos percebe-se que a Bibliometria se apresenta como ferramenta matemática e estatística, utilizada para quantificar a produção científica em todas as suas esferas, permitindo determinar padrões de qualidade, definir fatores de impacto e permitir a visualização do que é produzido de forma

objetiva. Por meio da Bibliometria é possível determinar a relevância da informação utilizada no meio científico (p. 28).

Valendo-se dessa técnica foi realizada uma catalogação do tema recortado, compilando-se os achados e contabilizando-os numericamente. A partir dos dados, foram identificados os temas das produções existentes, os autores com maior número de publicações, além dos estados e regiões brasileiras de destaque nesse cenário. Ademais, também foi possível descrever o “curso” das publicações ao se revelar o modo como elas vêm desenvolvendo-se ao longo do tempo. A partir da revisão bibliométrica, decorreram as fases posteriores de entrevistas e aplicação de questionários.

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo categorial temática. Segundo Bardin (2006), por meio desta técnica o texto é desmembrado em unidades, em categorias, de acordo com reorganizações analógicas. Caregnato e Mutti (2006) concluem que esse tipo de análise constrói categorias conforme os temas que emergem do texto e dos dados, possibilitando um agrupamento a partir do que têm em comum.

A análise de conteúdo proposta por Bardin (2006) decompõe-se em três etapas fundamentais: 1. pré-análise; 2. exploração do material e 3. tratamento dos resultados. A pré-análise compreende o período inicial de organização dos documentos a serem analisados na pesquisa, configurando um momento de sistematização das operações sucessivas (Bardin, 2006). Essa etapa é composta por: 1. leitura flutuante de contato com o material a ser analisado 2. formulações de hipótese e objetivo, 3. determinação das unidades de registro<sup>1</sup>, 4. definição dos temas (a partir das UR's), e 5. preparo do material a ser explorado posteriormente (Bardin, 2006; Oliveira, 2008).

---

<sup>1</sup> De acordo com Oliveira (2008), as unidades de registro, ou UR, podem ser palavras, frases, objeto, personagem, temas, acontecimento, documento, etc., a serem adotadas pelo pesquisador ao logo de sua análise.

Na etapa seguinte, da exploração do material, realiza-se o delimitado e programado na etapa anterior (Bardin, 2006), isto é, esta etapa compreende o processo através do qual os dados brutos são transformados em categorias, a partir do critério semântico dos temas emergidos nos dados (Bardin, 2006; Oliveira, 2008). Cabe ressaltar que o desenvolvimento das categorias deve seguir o preceito de relevância em função do objeto estudado (Oliveira, 2008). Por fim, a etapa final, a de tratamento dos resultados, consiste na apresentação dos dados de modo que as categorias representem uma reconstrução do discurso a partir da lógica do pesquisador (Oliveira, 2008), a partir da qual se dará a respectiva análise crítica e reflexiva (Bardin, 2006).

Posto isso, serão descritos a seguir os quatro procedimentos adotados na pesquisa: 1. catalogação da produção teórica (fase de revisão bibliométrica); 2. identificação e entrevista com os protagonistas; 3. aplicação de questionário eletrônico nos autores com uma única publicação; e 4. aplicação de questionário eletrônico nos profissionais da Gestalt-terapia infantil que não publicaram. Ao todo, participaram do estudo 11 sujeitos, dentre os quais quatro protagonistas, quatro autores e três profissionais.

### **3.1 Catalogação da produção teórica**

Realizou-se uma análise bibliométrica do tema ao se catalogarem todos os artigos encontrados a partir de uma busca realizada nas principais bases de dados eletrônicas (BVS, Pepsic e Scielo), bem como nas principais revistas impressas e online de Gestalt-terapia no Brasil (IGT na Rede, Phenomenological Studies Revista da Abordagem Gestáltica, Revista de Gestalt e Revista Gestalt Sampa). Foi pesquisada a combinação das palavras-chaves “Gestalt-terapia”, “Gestalt-terapia com crianças”, “abordagem gestáltica”, “Gestalt”, “criança” e “psicoterapia infantil”. Quanto às



edições impressas, foram analisados todos os volumes existentes e naquelas em que não havia resumo disponível tais palavras foram pesquisadas no título dos artigos. A categorização dos livros aconteceu a partir da busca em bibliotecas de dois institutos de formação em Gestalt-terapia do Brasil, localizados na região Centro-Oeste e na Sudeste, além da conferência nas listas de referências bibliográficas de artigos e livros dessa área.

Como critérios de inclusão, foram relacionados livros e artigos produzidos no Brasil e traduções para a língua portuguesa que contemplassem a clínica gestáltica com crianças nas bases de busca mencionadas. Além desses critérios, optou-se por incluir na pesquisa também as produções teóricas que apontassem para a compreensão do desenvolvimento humano a partir do olhar da Gestalt-terapia. Esta escolha atende ao princípio de que o atendimento clínico infantil e a compreensão do desenvolvimento da criança são conhecimentos fundamentalmente articulados entre si.

Foram excluídos livros e artigos nos quais o tema principal não estivesse centrado sobre a Gestalt-terapia infantil, como por exemplo, os da Gestalt-pedagogia. Embora seja reconhecida a amplitude crescente da abordagem gestáltica e sua relevância, em específico no que diz respeito a temas ligados à criança, o objeto de estudo do trabalho restringe-se à psicoterapia infantil dentro deste enfoque, o que justifica tal recorte. Além disso, capítulos de livro, isolados, não foram contabilizados, dada sua especificidade e por não se enquadrarem no âmbito de uma obra composta integralmente segundo o recorte do estudo.

A partir da catalogação realizada, a leitura da produção relacionada pela pesquisa permitiu identificar os temas abordados em cada uma das obras. Para tanto, além da autora, uma equipe com três colaboradores fez a leitura dos respectivos livros e artigos

elencando o(s) subtema(s) levantado(s) nas publicações. Ao fim, discutidos entre a equipe, foram delineadas categorias mais amplas que englobassem tais subtemas.

### **3.2 Identificação e entrevista com os protagonistas**

Uma vez realizada a catalogação, os quatro autores com o maior número de publicações na área foram convidados a participar da pesquisa por serem considerados “protagonistas”, isto é, aqueles que mais publicam sobre a Gestalt-terapia com crianças no país. Para a apreensão da experiência desses profissionais, foi utilizada uma entrevista semiestruturada (apêndice A), elaborada em consonância com os objetivos pretendidos, e um gravador de voz. O contato inicial aconteceu por email, contendo uma breve apresentação da pesquisa e convite para participação, além do anexo do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Versão Protagonistas” (apêndice B). A partir da disponibilidade para cooperar, agendou-se uma data para assinatura do termo e realização da entrevista. O áudio transcrito, antes de ser avaliado na seção de resultados, foi encaminhado às respectivas protagonistas para ser aprovado. Por protagonizarem a história da literatura construída nessa área, optou-se pela identificação consentida de cada um deles.

### **3.3 Aplicação de questionário eletrônico nos autores com uma única publicação**

Contataram-se via email todos os autores catalogados na pesquisa dos quais constava uma única publicação. Por não haver inicialmente uma quantidade pré-estabelecida de participantes neste grupo, optou-se por enviar um questionário eletrônico a todos eles, incluindo nos resultados os dados daqueles que os devolvessem

respondidos. O email continha informações sobre a pesquisa, seguido do convite à participação, além dos anexos do “Questionário Eletrônico Versão Autores” (apêndice C) e “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Versão Autores e Profissionais” (apêndice D). Cabe ressaltar que nesse grupo não houve identificação dos sujeitos, uma vez que o intuito era buscar compreender o que os levou a publicar uma vez na área. Ao fim, participaram deste grupo quatro autores.

### **3.4 Aplicação de questionário eletrônico aos profissionais da Gestalt-terapia infantil que não publicaram**

Também foram contatados e convidados a participarem deste estudo profissionais que atuem como gestalt-terapeutas infantis e que não possuem qualquer publicação na área. Nessa etapa, a escolha dos participantes seguiu a indicação dos protagonistas, que, após a entrevista, foram solicitados a sugerir alguns nomes, e respectivos emails, que se enquadrassem em tal critério. O contato eletrônico consistiu na apresentação da pesquisa, seguida de um convite, relacionando os anexos do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Versão Autores e Profissionais” (apêndice D) e “Questionário Eletrônico Versão Profissionais” (apêndice E). Aqui, assim como no questionário com os autores, não houve qualquer identificação dos profissionais e a intenção foi investigar o que os impede de publicar. Participaram, ao todo, três profissionais.

## Capítulo 4

### Uma radiografia da produção teórica no Brasil

Radiografar implica um processo de produção de imagem de uma estrutura interna do corpo, para fins de diagnóstico, por meios de raios x ou gama (Houaiss, 2015). Metaforicamente, a etapa de catalogação dessa pesquisa permitiu dissecar os dados encontrados e agrupá-los em categorias de modo a configurar uma imagem, continuamente em construção, do cenário teórico brasileiro atual da Gestalt-terapia com crianças.

Optou-se por empregar o termo radiografia, e não fotografia, uma vez que imagem envolve movimento, portanto, não é estática em sua essência. Nesse sentido, não se pretende fazer uma leitura fixa e estigmatizante, mas primordialmente, descritiva da realidade encontrada ao longo de quase 34 anos, que permita a compreensão e reflexão de um processo contínuo. Cabe ressaltar que esse período compreende desde a data da primeira publicação (1980) até dezembro de 2014, momento em que se encerra a investigação.

Ao se descrever tal imagem, pretende-se responder a questões fundamentais ao entendimento dessa realidade teórica nacional: quais são as produções existentes, como se desenvolvem e onde se concentram territorialmente. Posto isso, traçar esse panorama implica narrar e detalhar os achados a partir de categorias inteligíveis e contextualizadas, a serem exploradas a seguir. São elas: 1. catalogação e 2. um panorama brasileiro.

## 4.1 Catalogação

A etapa de catalogação consistiu em relacionar todos os artigos e livros encontrados a partir da busca e critérios adotados no estudo. A partir deste recorte, foram encontrados, no intervalo de 34 anos, seis livros – tendo como marco inicial da busca uma tradução datada de 1980 – e 42 artigos, o primeiro deles publicado em 1995 (15 anos depois). Nesse período, somam-se ao todo 48 produções realizadas ao longo do intervalo de tempo que compreende quatro décadas, conforme descrito na tabela 1.

**Tabela 1**

*Quantidade de artigos e livros catalogados na pesquisa distribuídos por décadas (1980-2014)*

Décadas	Artigos	Livros	Total
Anos 80	0	1	1
Anos 90	8	1	9
Anos 2000	22	2	24
2010 – 2014	12	2	14
Total	42	6	48

Tomados globalmente, os números indicam uma ascensão no decorrer do tempo, apontando para o progresso teórico vivido desde 1980 até dezembro de 2014, o que fica evidente ao se comparar a única publicação na primeira década pesquisada com as 14 da primeira metade dos anos de 2010. Os números apresentados confirmam a hipótese de um cenário de ascensão quantitativa da abordagem gestáltica, ao evidenciar seu progresso no número crescente de produções. A seguir, tais dados decorrentes da etapa de catalogação serão esmiuçados a partir de três categorias emergentes: livros, artigos e protagonistas e outros autores.

#### 4.1.1 Livros

Os livros aqui catalogados referem-se aos encontrados como bibliografia disponível em Gestalt-terapia com crianças no Brasil, abrangendo os de autoria nacional e os de autoria internacional traduzidos para o português. Qualquer outra referência que atenda a esses critérios e que não tenha sido relacionada, ainda que exista, pode sugerir a apresentação de um título menos acessível à comunidade gestáltica e, portanto, de pouco trânsito em seu interior. Foram relacionadas um total de seis obras, mencionadas na tabela 2, nomeadas e seguidas de suas respectivas datas de publicação e autores.

**Tabela 2**

*Relação de livros catalogados na pesquisa por ano de publicação, título e autoria (1980-2014)*

<b>Ano</b>	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>
1980	Descobrimo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes	Violet Oaklander
1991	Nós, as crianças: uma abordagem gestáltica em psicologia infantil	Cleufe Maria Perazzolo De Zorzi
2005	Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática	Luciana Aguiar
	Nutrição Psicológica: Desenvolvimento emocional infantil	Adelma Pimentel
2010	A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento	Sheila Antony (Org.)
2012	Gestalt-terapia cuidando de crianças: teoria e arte	Sheila Antony

O primeiro livro catalogado refere-se à obra *Descobrimo crianças*, de Violet Oaklander, autora americana, traduzido para o português no ano de 1980. Considerado por muitos a “bíblia” da Gestalt-terapia com crianças, relata inúmeros experimentos a

partir da descrição de casos clínicos, exemplificando a forma de atendimento da autora. Sendo uma referência predominantemente técnica, permaneceu por muitos anos como única obra sobre psicoterapia infantil gestáltica disponível em português, deixando lacunas teóricas evidentes para seus leitores. Por esse motivo, acabou por desencadear severas críticas a respeito de sua fundamentação, aumentando o coro dos que fizeram julgamento semelhante da Gestalt-terapia como um todo nessa mesma época.

Em 1991, isto é, onze anos depois, é lançada a primeira obra de uma autora brasileira, Cleufe Maria Perazzolo De Zorzi, do Rio Grande do Sul, intitulada *Nós, as crianças: uma abordagem gestáltica em psicologia infantil*. A autora discorre sobre sua prática clínica, abordando uma grande variedade de técnicas no trabalho com crianças explicitadas a partir de alguns relatos de casos que as exemplificam.

Em 2005, a autora Luciana Aguiar, do Rio de Janeiro, publica *Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática*, que foi reeditado em 2014. Este traduz os esforços da autora em articular teoria e prática de modo integrado e entrosado, percorrendo aspectos da psicoterapia infantil na abordagem, adentrando a epistemologia gestáltica e suas teorias de base como suporte à proposta de trabalho apresentada. Sua reedição acrescentou estudos mais recentes, compondo uma versão atualizada do livro.

Ainda em 2005, Adelma Pimentel, do Pará, apresenta a obra *Nutrição Psicológica: desenvolvimento emocional infantil*. Valendo-se da metáfora da mastigação e alimentação, apresenta, por meio de uma pesquisa interdisciplinar com crianças, sua visão acerca de desenvolvimento e personalidade. Ancorada nos princípios da Gestalt-terapia, aborda marcos desse processo, bem como as transformações familiares e formas de tratamento, exemplificados com relatos de casos clínicos.

Cinco anos depois, em 2010, Sheila Antony, de Brasília, organiza a obra *A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento*, na qual assina um capítulo na

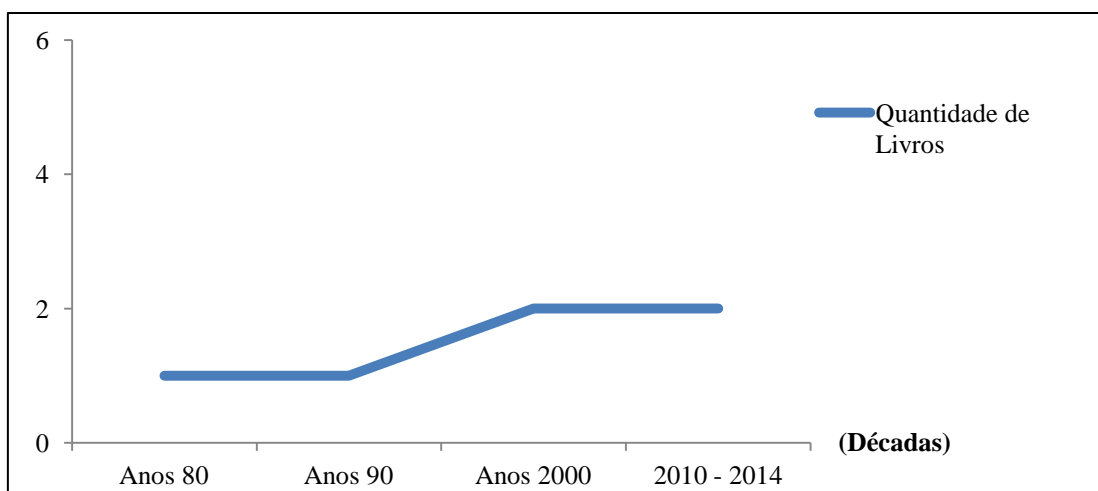
companhia de outros seis autores. Fruto do esforço para fomentar a fundamentação teórica e expandir a aplicabilidade da prática, são abordados aspectos éticos, epistemológicos, clínicos e especificidades tais como a timidez e o abandono da criança. De modo geral, elucida de que maneira a teoria supre e respalda as demandas práticas.

Dois anos depois, em 2012, Sheila Antony escreve *Gestalt-terapia cuidando de crianças: teoria e arte*. A autora perpassa os principais conceitos da abordagem, valendo-se do método fenomenológico como forma de acesso à criança. Nessa direção, aponta para a relevância da brincadeira, da técnica, da arte e do cuidado em paralelo à presença ativa e consciente do terapeuta.

Temporalmente, os resultados apontam tanto para a manutenção quanto ascensão numérica nas publicações de livros ao longo do período analisado. Tal fato pode estar relacionado à crescente inserção da Gestalt-terapia no meio acadêmico vivida nas duas últimas décadas, o que resulta no aumento do número de disciplinas ofertadas em instituições de ensino pelo país, e estimula pesquisas e cursos de formação na área. O mesmo foi percebido por Holanda (2005), ao analisar a produção acadêmica de Gestalt-terapia nos cursos de mestrado e doutorado, constatando em seu estudo uma expansão acentuada a partir dos anos 2000.

Ao se analisar processualmente o desenvolvimento das edições, observa-se um aumento no intervalo de tempo pesquisado. Se nos anos 80, década inicial da análise, havia um único título, hoje, na metade da atual década, este número dobrou, conforme ilustrado no gráfico 1. No entanto, existe a perspectiva de aumento nos próximos seis anos, isto é, até o final desta década. Ainda assim, a realidade de seis obras no intervalo de 34 anos equivale a uma produção média inferior a dois títulos a cada dez anos.





**Gráfico 1**

---

Quantidade de livros catalogados na pesquisa distribuídos por décadas (1980-2014)

Observando-se ano a ano, identificam-se longos intervalos de pausa, sobretudo até o ano de 2005, momento em que se inicia maior constância no aparecimento de novos títulos. Os achados revelam dois momentos de importante interrupção na produção: de 1980 a 1991, um total de 11 anos, e de 1991 a 2005, com 14 anos de pausa entre os escritos. Em contrapartida, de 2005 a 2014, observa-se maior incremento na produtividade bibliográfica com o surgimento de quatro novas obras, todas elas de autores brasileiros.

Dentre as produções nacionais, uma análise territorial do estado de origem dos autores indica que uma delas é proveniente do estado do Rio de Janeiro (da autora Luciana Aguiar), duas do Distrito Federal (da autora Sheila Antony), uma do Pará (de Adelma Pimentel) e, por fim, uma do Rio Grande do Sul (de Cleufe Maria Perazzolo De Zorzi). Considerando as cinco regiões brasileiras, quatro delas se revelam na investigação: Sudeste (com Rio de Janeiro), Centro-oeste (com o Distrito Federal), Sul (com Rio Grande do Sul) e Norte (com o Pará). Com isso, chama-se a atenção para a ausência do Nordeste nesse cenário.

### 4.1.2 Artigos

Do primeiro artigo catalogado, em 1995, até dezembro de 2014, data final da busca, foram relacionados na catalogação 42 artigos que atenderam aos critérios de inclusão da pesquisa. A tabela 3 explicita o ano, nome e autor(es) das publicações. Optou-se por incluí-las no corpo do texto, visto que um dos objetivos da pesquisa consiste em explicitar os dados oriundos da catalogação, referenciando-os. Os cinco primeiros artigos destacam um grupo de pioneiras na produção, advindas de São Paulo: Myriam Bove Fernandes, Sandra Regina Cardoso, Cláudia Rinaldi Nogueira, Eviene Abduch Lazaros, Tereza Cristina Pedroso Ajzenberg e Rosana Zanella.

**Tabela 3:**

*Relação de artigos catalogados na pesquisa distribuídos por ano de publicação, título e autoria (1995-2014)*

Ano	Artigo	Autor(es)
1995	Gestalt e crianças: crescimento	Myrian Bove Fernandes
	Reflexões sobre as primeiras relações da criança, segundo a Gestalt-terapia	Sandra Regina Cardoso
	Reflexões sobre o desenvolvimento da criança segundo a perspectiva da Gestalt-terapia	Cláudia Rinaldi Nogueira, Eviene Abduch Lazaros, Myrian Bove Fernandes, Sandra Regina Cardoso e Tereza Cristina Pedroso Ajzenberg
1996	Trabalho com crianças, adolescentes e famílias em Gestalt-terapia	Myrian Bove Fernandes
1998	A gênese da construção da identidade e da expansão de fronteiras na criança	Myrian Bove Fernandes, Claudia Rinaldi Nogueira, Eviene Abduch Lazaros, Sandra Regina Cardoso Zinker, Tereza Cristina Pedroso

**Tabela 3:**

*Relação de artigos catalogados na pesquisa distribuídos por ano de publicação, título e autoria (1995-2014)*

<b>Ano</b>	<b>Artigo</b>	<b>Autor(es)</b>
		Ajzenberg e Claudia Magri Maffei
	Atendendo a criança	Valéria Barreto Vieira Pedroso
	Gestalt-terapia com crianças: o encontro cliente-terapeuta, criança-terapeuta, terapeuta-criança	Rosana Zanella
1999	A Gestalt do diagnóstico infantil.	Gizele Parreira Elias e Valéria Barreto Vieira Pedroso
2000	A Gestalt-terapia no atendimento infantil.	Elisângela Ribeiro Prager e Vera Lúcia Costa Xavier
	Figuras de apego: matriz dos vínculos afetivos	Myrian Bove Fernandes, Claudia Rinaldi Nogueira, Eviene Abduch Lazaros, Sandra Regina Cardoso Zinker e Tereza Cristina Pedroso Ajzenberg
2001	Gestalt-terapia com crianças: a concepção de homem e suas implicações na prática clínica	Luciana Aguiar
	Fundamentando a relação na Gestalt-terapia com crianças	Luciana Loyola Madeira Soares
	Gestalt: uma proposta psicoterápica para crianças	Gizele Parreira Elias
	Tentativas de encontrar a ordem da formação dos mecanismos na criança	Chu Yu Gi
2002	O diálogo abortado como a gênese dos transtornos da infância.	Virgínia Elizabeth Suassuna Martins Costa
2004	A criança hiperativa: uma visão da	Sheila Antony e Jorge Ponciano Ribeiro

**Tabela 3:**

*Relação de artigos catalogados na pesquisa distribuídos por ano de publicação, título e autoria (1995-2014)*

<b>Ano</b>	<b>Artigo</b>	<b>Autor(es)</b>
	abordagem gestáltica	
	A criança hiperativa que tem vento nos pés e o olho maior que a barriga: um enfoque da Gestalt-terapia	Sheila Antony
	A teoria do self aplicada ao atendimento de vítimas de violência doméstica - uma visão gestáltica	Graça Gouvêa
	Brincadeira é coisa séria: atendendo crianças na abordagem gestáltica	Rosana Zanella
	A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: Psicodrama, Gestalt terapia e Centrada na pessoa	Maria Ivone Marchi Costa e Cristina Maria Souza Brito Dias
2005	Atendendo crianças no mundo contemporâneo: aspectos éticos	Rosana Zanella
	Gestalt-terapia com crianças: aspectos relevantes no trabalho com a família	Luciana Aguiar
	Hiperatividade: doença ou essência um enfoque da gestalt-terapia.	Sheila Antony e Jorge Ponciano Ribeiro
	Noções teóricas gerais sobre o desenvolvimento humano.	Fabiola Brandão
2006	A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico	Sheila Antony

**Tabela 3:**

*Relação de artigos catalogados na pesquisa distribuídos por ano de publicação, título e autoria (1995-2014)*

<b>Ano</b>	<b>Artigo</b>	<b>Autor(es)</b>
2007	Trazendo os pais pelas mãos: em busca de um sentido para a terapia de crianças	Luciana Bicalho Cavanellas
2008	Compreendendo a hiperatividade: uma visão da Gestalt-Terapia.	Sheila Maria da Rocha Antony e Jorge Ponciano Ribeiro
2009	Hermenêutica gestáltica de uma violência sexual intrafamiliar	Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel e Lucivaldo da Silva Araújo
	A criança com transtorno de ansiedade: seus ajustamentos criativos defensivos	Sheila Maria da Rocha Antony
	Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância	Sheila Maria da Rocha Antony
2010	Brincar: um olhar gestáltico	Priscila Rodrigues e Arlene Leite Nunes
	Ludoterapia gestáltica: dois casos clínicos	Carolina Silva e Lívia Arrelias
	Recriando histórias: o desabrochar da capacidade criativa em crianças a partir da gestalt-terapia	Danielle Cavalcanti Almeida de Oliveira
	Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e Gestalt-terapia	Cristine Monteiro Mattar
2011	A criança sob o olhar da Gestalt-terapia	Poliana G. Barbosa
	A criatividade terapêutica como diferencial no atendimento infantil: "sessão chocolate"	Inês Gonçalves Goldberg

**Tabela 3:**

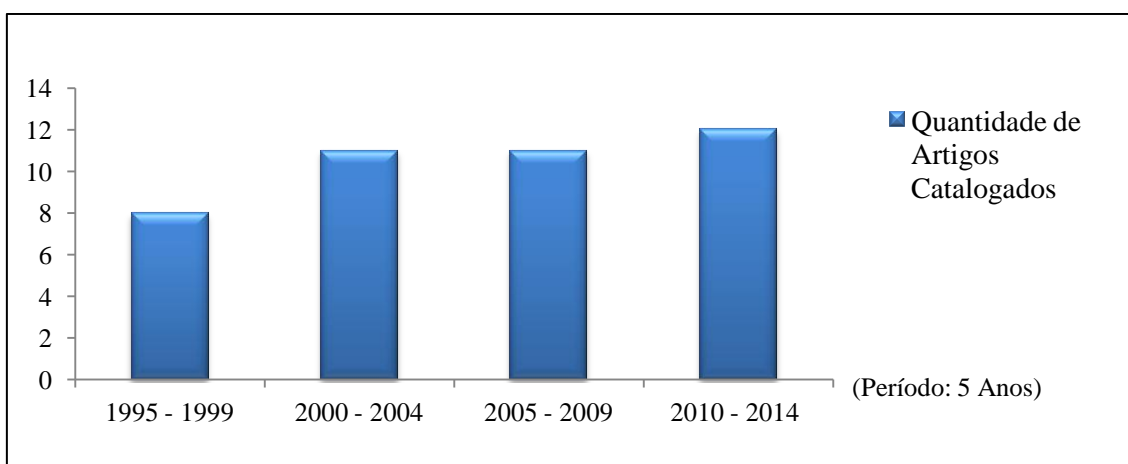
*Relação de artigos catalogados na pesquisa distribuídos por ano de publicação, título e autoria (1995-2014)*

<b>Ano</b>	<b>Artigo</b>	<b>Autor(es)</b>
	A psicoterapia com a criança, por um fio	Luciana Soares
	Clínica gestáltica infantil e integralidade em uma unidade básica de saúde	Bruna Gonçalves Campos, Tatiana Bruno de Toledo e Nilton Júlio de Faria
	Os ajustamentos criativos no desenvolvimento infantil: uma revisão gestáltica	Gisele Peruzzo
2013	Quando brincar é viver criativamente: o encontro da abordagem gestáltica com a winnicottiana	Vanessa Miranda Santos de Paula Carneiro e Marcelo Pinheiro da Silva
2014	Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-terapia	Evelyn Denisse Felix de Oliveira
	Relato de um estágio realizado com crianças em um Centro Educacional e de Assistência Social	Renata Nunes Pedras, Sandra Melo de Andrade F. da Silva, Regina Celia do Prado Fiedler, Simone Ferreira da Silva Domingues e Maria Aparecida Conti

A análise dos temas abordados nos artigos revelou que os estudos catalogados concentram-se predominantemente sobre questões relativas às teorias de base da Gestalt-terapia. Dentre elas, a de maior destaque nas publicações é a Teoria de campo de Kurt Lewin. Percebe-se, com isso, que a literatura existente está direcionada, sobretudo, ao campo da criança no que diz respeito ao atendimento dos responsáveis e visita à escola, evidenciando-os como aspectos inerentes à clínica com crianças. Destacam-se também os escritos sobre desenvolvimento humano e o processo de saúde-doença a partir do olhar da Gestalt-terapia. As bases filosóficas por sua vez, aparecem

na minoria desses trabalhos. No que tange a prática clínica, o brincar e a brincadeira são os temas mais debatidos nessa literatura, em sua maioria acompanhados de relatos de casos clínicos.

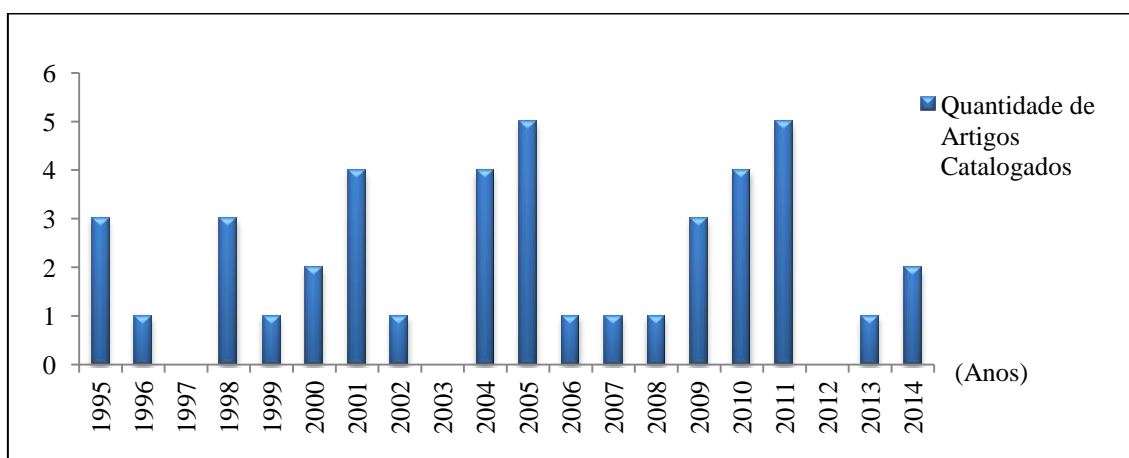
Uma vez que essas publicações se iniciaram no ano de 1995, optou-se, neste caso, por analisá-las em intervalos de cinco anos, visto que nem a década de 90 nem a de 2010 estão integralmente preenchidas, fato que poderia enviesar tal análise. A quantidade de produções catalogadas na pesquisa a partir desse período revela um acréscimo que oscila entre o número mínimo de 8 e o máximo de 12 artigos, conforme realçado no gráfico da figura 2. Percentualmente, isso representa um aumento de 50% do primeiro para o último quinquênio. Analisados individualmente, os períodos que compreendem de 2000 a 2004 e de 2005 a 2009 chamam a atenção por apresentarem igualmente 11 artigos cada, o que traduz uma realidade de estagnação nesses períodos, sem qualquer progresso ou queda na produção. De modo geral, a avaliação integral dos dados indica uma discreta ampliação desse tipo de literatura ao longo dos 19 anos pesquisados (1995-2014).



**Gráfico 2**

Quantidade de artigos catalogados na pesquisa distribuídos por períodos de cinco anos (1995-2014)

O gráfico 3, por sua vez, apresenta uma análise ano a ano e retrata as variações no número de publicações de artigos, das quais se destaca o ápice de cinco produções em 2005 e 2011, quantidade máxima registrada, e a ausência total de escritos em 1997, 2003 e 2012, quantidade mínima encontrada. Os dados denunciam uma inconstância cíclica ao intercalar períodos de maior produção seguidos por queda e, em alguns momentos, interrupção total no número de trabalhos. Essa repetição observada nos dados pode sugerir a pouca tradição acadêmica na Gestalt-terapia, visto que não há uma constância persistente em publicar. Essa realidade vai ao encontro da colocação de Gold e Zahan (2014) quando afirmam que “a abordagem da Gestalt para a psicoterapia não é alvo de uma boa pesquisa” (p. 43), o que demonstra a necessidade de expandir essa cultura em meio aos profissionais clínicos.



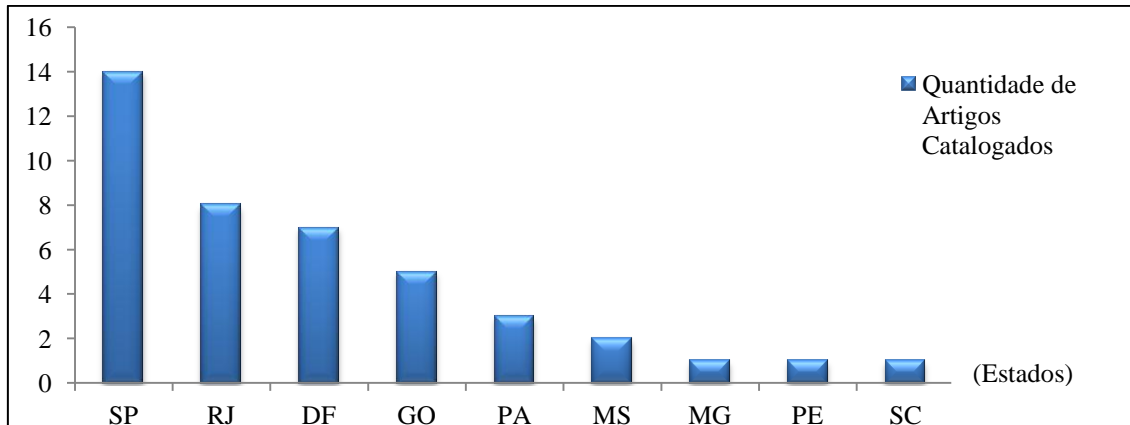
**Gráfico 3**

Quantidade de artigos catalogados na pesquisa distribuídos por ano (1995-2014)

A distribuição territorial aponta que os autores dos artigos catalogados estão localizados, predominantemente, no estado de São Paulo, seguidos pelos estados do Rio de Janeiro, Distrito Federal, Goiás, Pará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais,



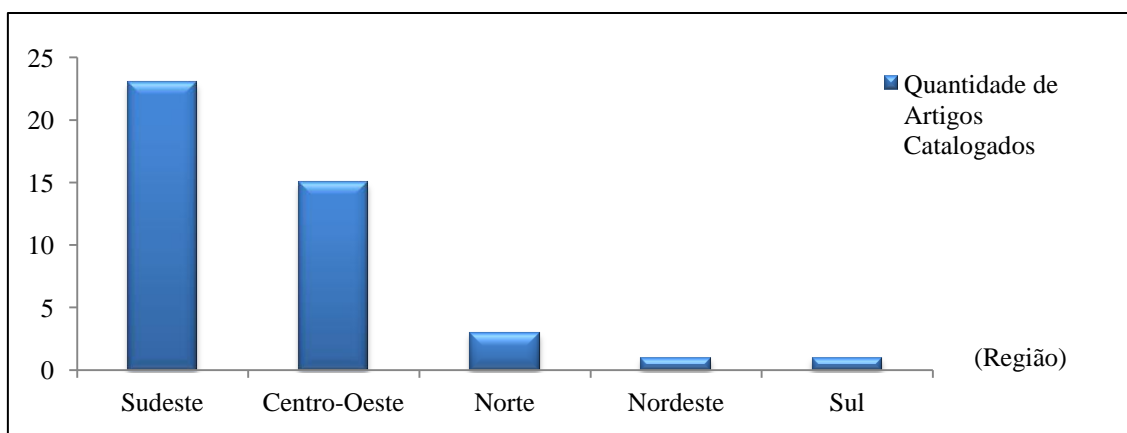
Pernambuco e Santa Catarina (ver gráfico 4). Nos demais estados do país não constam produções no período e bases pesquisados.



**Gráfico 4**

Quantidade de artigos catalogados na pesquisa distribuídos por estados brasileiros

Ainda que sejam identificadas publicações oriundas de todas as regiões brasileiras, os dados retratam a expressividade dos estados da região Sudeste e Centro-Oeste no cenário teórico nacional, em contraste com as regiões Nordeste, Norte e Sul (ver gráfico 5). Esse fato pode estar relacionado à maior ou menor concentração de centros de formação em Gestalt-terapia nas regiões citadas, bem como ao grau de capacitação e graduação de seus formadores, o que repercute diretamente no incentivo à produção em seus institutos.



**Gráfico 5**

Quantidade de artigos catalogados na pesquisa distribuídos por regiões brasileiras

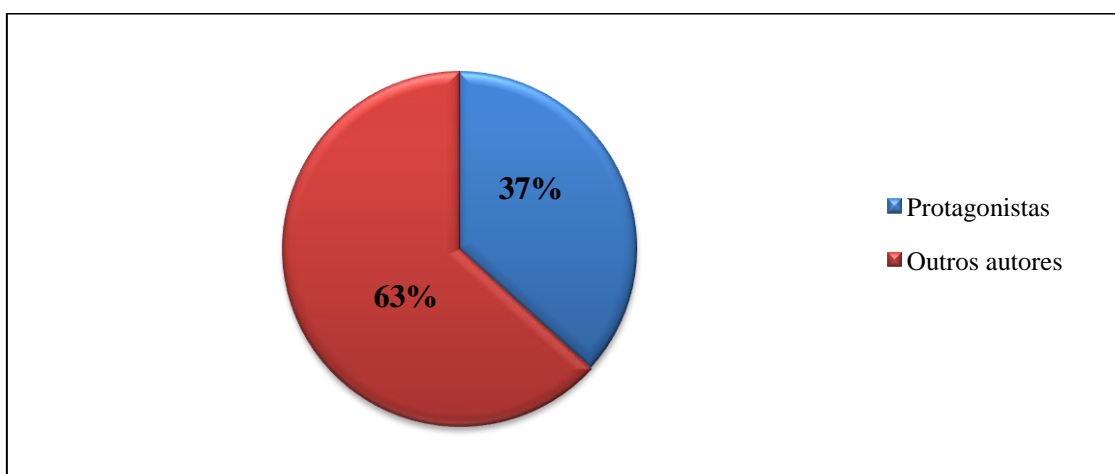
#### 4.1.3 Protagonistas e outros autores

A última etapa da catalogação consistiu em identificar, dentre toda a produção teórica encontrada, os autores de maior destaque, isto é, aqueles que mais produziram no país. Para tanto, uma contagem enumerou a soma de livros e artigos de cada autoria, contabilizando um número final que permitiu identificar os denominados “protagonistas” (ver tabela 4). Dentre os 42 autores relacionados, foram realçados os quatro com maior destaque, dada sua expressividade no cenário nacional: Sheila Antony, Myrian Bove Fernandes, Sandra Regina Cardoso e Luciana Aguiar, em ordem decrescente. Ressalta-se o fato de serem todas mulheres. Juntas, as quatro autoras totalizam quase 40% das produções totais catalogadas na pesquisa, conforme ilustrado no gráfico 6. Geograficamente, a produção aqui relacionada concentra seus protagonistas nas regiões Sudeste e Centro-Oeste.

**Tabela 4**

*Relação dos protagonistas catalogados na pesquisa a partir do número de produções (livros e artigos) e seus respectivos estados*

<b>Autor</b>	<b>Número de Livros</b>	<b>Número de Artigos</b>	<b>Publicação total</b>	<b>Estado</b>
Sheila Antony	2	7	9	DF
Myrian Bove Fernandes	-	5	5	SP
Sandra Regina Cardoso	-	4	4	SP
Luciana Aguiar	1	2	3	RJ

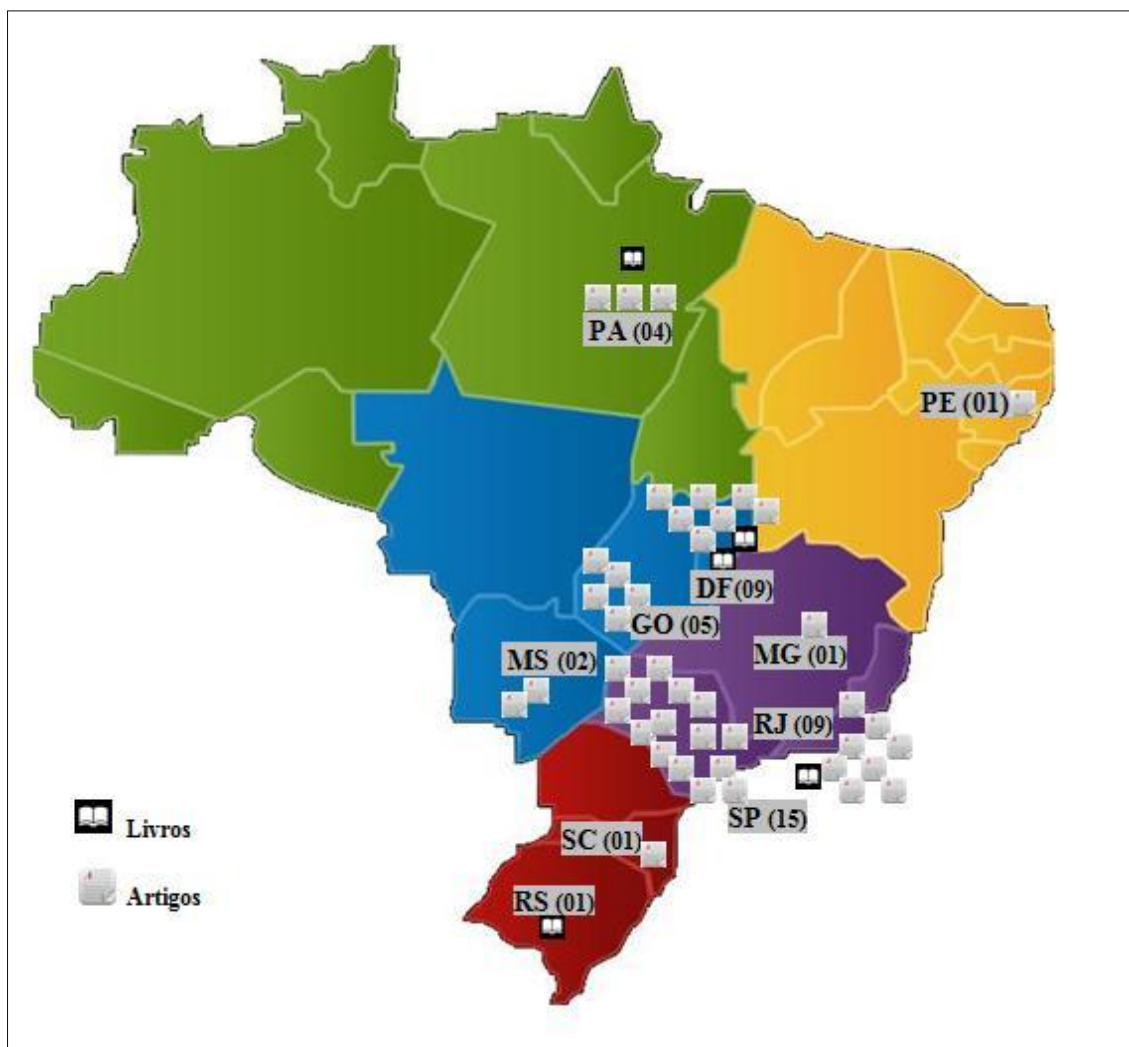
**Gráfico 6**

Quantidade total de produções catalogadas na pesquisa distribuídas por protagonistas e outros autores (1980-2014)

## 4.2 Um panorama brasileiro

Uma radiografia das produções distribuídas no território brasileiro revela os locais em que se encontram os protagonistas e autores das publicações catalogadas nesta pesquisa, o que permite identificar os grandes centros de estudo, bem como as áreas de

maior escassez teórica (ver figura 1). A concentração das produções nas regiões Sudeste e Centro-Oeste está de acordo com a chegada da Gestalt-terapia no Brasil, que se deu, predominantemente, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e no Distrito Federal (Suassuna, 2008). Há de se destacar a expressividade do estado de Goiás, em quarto lugar no número de publicações, e a escassa produção, sobretudo, nos demais estados das regiões Norte e Nordeste – carentes de estudos, pesquisas e publicações na área da Gestalt-terapia com crianças.



**Figura 1**

Quantidade total de produções catalogadas na pesquisa distribuídas por estados do Brasil

## Capítulo 5

### A clínica gestáltica infantil de ontem, hoje e amanhã

A partir do interesse em conhecer a trajetória da Gestalt-terapia com crianças no Brasil e refletir sobre ela, optou-se neste estudo por dar voz a três grupos distintos de participantes – protagonistas, autores e profissionais. Do conteúdo resultante das respectivas entrevistas e questionários eletrônicos, foram extraídos temas comuns presentes nos discursos, com o propósito de desvelar os diversos olhares acerca da questão investigada. A análise categorial temática permitiu construir categorias a partir dos temas que emergiram do texto, as quais serão descritas e exemplificadas com trechos das falas dos participantes. São elas: 1. as primeiras produções no Brasil; 2. a percepção da literatura disponível; 3. lacunas e perspectivas teóricas; 4. o que leem os gestalt-terapeutas infantis; 5. motivações e desafios de publicar; 6. as particularidades do atendimento infantil.

#### 5.1 As primeiras produções no Brasil

A articulação entre os dados catalogados e a fala dos *protagonistas* na área permitiu uma compreensão mais abrangente acerca do nascimento teórico da Gestalt-terapia com crianças no país. A partir dessa articulação, dois fatos se destacam na origem da literatura relativa à Gestalt-terapia com crianças desde sua origem até a atualidade no Brasil: a tradução da obra americana *Descobrendo crianças* de Violet Oaklander, em 1980, que introduz teoricamente o tema da formação de um grupo de estudos com este enfoque, composto por gestalt-terapeutas de São Paulo no Instituto Sedes, em meados de 1995.

Embora a chegada do livro de Violet Oaklander tenha trazido as primeiras noções sobre a prática clínica infantil que vinha sendo desenvolvida pela autora nos Estados Unidos, o livro fora alvo de severas críticas, que apontavam para uma espécie de “vazio” no que tangia sua fundamentação teórica. Aguiar (2014) ressalta a contribuição desse livro no que diz respeito a técnicas e recursos facilitadores, evidenciando, no entanto, a falta de um arcabouço teórico que os sustente e lhes dê sentido. Apesar disso, Figueroa (2015) aborda a histórica ambivalência que acompanha as técnicas na Gestalt-terapia: se, por um lado, ocuparam lugar de destaque nessa abordagem, acabaram, por outro, por ofuscar elementos teóricos fundamentais. Sobre o pioneirismo e a ambiguidade dessa obra, Luciana Aguiar, do grupo de protagonistas, discorre:

*Eu vou dizer o que a gente tinha na época: quando eu comecei a atender e a estudar Gestalt-terapia, a gente tinha uma única referência bibliográfica; chamava-se Descobrimos crianças. E eu li e reli o Descobrimos crianças trezentas milhões de vezes e tentava utilizar as propostas da Violet, mas eu sempre fui meio chata, assim meio cri cri. Então, ao mesmo tempo que eu achava muito legal, eu achava legal demais, eu dizia “gente, eu tô humilhada com esse livro porque... assim... porque que as crianças dela fazem isso e as minhas não”, sabe? [...] E depois eu comecei a pensar que, talvez, pra escrever um livro ela escolhesse os casos que deram certo, as situações onde as crianças desenvolveram as propostas e não necessariamente aquelas que deram errado. [...] Então, eu continuo achando que ela tem um valor bastante significativo por ter levantado essa bandeira, por ter mostrado... assim... o valor da experiência para o desenvolvimento infantil, do quanto que o espaço permissivo na terapia é*

*algo importante pra criança restabelecer suas formas saudáveis de autorregulação orgânica, mas eu continuei achando que tinha muita coisa, principalmente em relação ao manejo saindo da criança indo para o resto do mundo, que ela passava batido, assim, o que pra mim era uma falha teórica no que diz respeito à fundamentação da visão de homem.*

A ambivalência entre técnica e teoria está presente na história da Gestalt-terapia e no desenvolvimento posterior dessa abordagem no Brasil. Nesse percurso, Figueroa (2015) destaca três fatos como relevantes: 1. a pouca afeição de Perls pela sistematização do conhecimento; 2. a publicação dos livros *Gestalt-terapia explicada*, em 1969, e *Tornar-se presente*, em 1971 (ambos com ênfase em técnicas e vivências) e, 3. a obra *Gestalt Therapy*, que, dividida em duas partes, apresentou sua fundamentação teórica em posição secundária em relação à prática. Em apresentação à edição brasileira desse último título, Frazão (1997) atenta para a distorção causada em consequência dessa inversão – da prática em lugar da teoria – ao relatar que a Gestalt-terapia fora considerada equivocadamente como constituída basicamente por uma série de experimentos, o que levou a edição brasileira a priorizar na tradução o volume relativo aos fundamentos teóricos.

Ainda que fazendo frente a tais críticas, a obra de Oaklander é considerada por muitos, ainda hoje, 35 anos após sua publicação, a “bíblia” do atendimento infantil dentro da visão gestáltica: *“Quando eu quero ter uma inspiração em termos de atividade dinâmica, eu vou na bíblia da Violet Oaklander, Descobrimo crianças”* (Sheila Antony). Esse paralelo de visões parece confirmar dois aspectos característicos deste livro: sua relevância em termos de subsídio técnico, isto é, da noção prática

apresentada, e a pouca articulação teórica evidenciada na descrição de suas intervenções terapêuticas. Luciana Aguiar reitera tal lacuna:

*Por um tempo eu fiquei meio angustiada; então, eu tinha uma relação de amor e ódio com o livro, que, ao mesmo tempo que ele me ajudava, eu tinha vários questionamentos: mas eu vou propor isso do quê? Do nada? Mas se eu propor, eu chego a propor isso que a criança quer fazer? Mas se a criança é o centro da terapia como é que eu vou propor?*

Já a produção brasileira de artigos em Gestalt-terapia tem início com a formação de um grupo de gestalt-terapeutas de São Paulo, quando iniciaram estudos predispostos a fundamentar a prática com crianças dentro da abordagem. Nota-se, a princípio, o direcionamento da temática dos trabalhos à compreensão do desenvolvimento humano sob o olhar gestáltico. Duas *protagonistas* eram membros participantes desse grupo: Myrian Bove Fernandes e Sandra Regina Cardoso. Sandra conta sobre seu início e funcionamento:

*Eu passei os três anos do meu curso de Gestalt questionando, por isso que esse grupo aconteceu, porque, pra mim não era suficiente saber “ah tem uma teoria”! Eu tinha que transportar para o atendimento de desenvolvimento, de usar os mesmos termos, a mesma nomenclatura, a mesma forma de falar. E foi por isso que a gente começou esse grupo de estudo, mas eu não quero fazer “Gestalt-e...”, eu quero “Gestalt COM criança”, não Gestalt E Rogeriana, Gestalt E desenvolvimento, E Piaget, enfim todas as teorias; não, eu quero “Gestalt COM”. Foi daí que surgiu. Esse grupo surgiu, a Myrian, as pessoas*



*que trabalhavam com crianças nesse grupo, nesse curso do Sedes. Nós então saímos do Sedes, formamos três anos de treinamento e resolvemos fazer um grupo de estudos, estudantes também. [...] Nesse grupo, nós escolhíamos um texto, normalmente um capítulo, uma vez por semana nós nos reuníamos, líamos antes do grupo, e do texto tentávamos fazer o paralelo com a Gestalt e com o atendimento, com a nossa prática. [...] ...foi a partir desse grupo de estudos que então nós viemos e tentamos fazer essa ponte, usar o termo teórico de Gestalt, a prática que a gente vê no consultório, e a gente questionava muito. E então a gente começou a ter essas ideias e resolvemos: vamos publicar, vamos dividir com o mundo. Porque nós éramos quatro, cinco pessoas, todas trabalhando com crianças, e a Myrian, (a gente se encontrava no consultório dela), a Myrian, como a nossa supervisora, mais trabalhando junto do que tendo supervisão, porque ela também sempre teve interesse, e foi muito bom... E eu costumo dizer que eu sou, meio assim, sou radical, Gestalt é Gestalt. Então foi assim que a gente começou isto. [...] Eu acho que [escrever e publicar] foi fruto desse grupo, e a Myrian e o pessoal de Gestalt que a gente conhecia, a Selma, os nossos professores: “mas vocês têm que publicar”... A Selma ficou sempre falando “vocês tem que publicar, se você não publica... o que vocês estão fazendo é algo pioneiro!”. Ela sempre deu muita força: “vocês estão fazendo algo novo, publica, vai em congresso, vocês têm que mostrar!”... Então a gente: “ah, tá bom, então vamos publicar. (Sandra Regina Cardoso)*

A partir desse grupo, portanto, surgem, na década de 90, as primeiras publicações brasileiras no formato de artigo, o que lhes confere grande relevância como fator disparador das produções nacionais subsequentes. A então literatura da área começava a

dar seus primeiros passos, visto que havia uma demanda clínica a ser pensada pelos profissionais e estudantes de Gestalt-terapia que a constituíam no país:

*Porque vieram os pioneiros que você está dizendo, veio dessa necessidade de ter algo pra ser lido numa prática, numa teoria e prática... [...] A gente tinha o tempo, a gente tinha a dedicação, e era toda semana por duas horas, por anos, uns quatro cinco anos, a gente publicou... (Sandra Regina Cardoso)*

*E aí eu tinha o livro da Violet, que me trazia essas coisas e na medida [em] que os anos foram passando né, começou a surgir aqui e ali uma produção assim muito incipiente de um grupo de Gestalt-terapeutas de São Paulo, inclusive mais velhas do que eu na Gestalt-terapia, mas que surgia como um certo expoente em Gestalt-terapia com criança, que é a Myrian Bove Fernandes e suas colaboradoras: tem a Cláudia Ranaldi, tem a Tereza Ajzenberg, Rosana Zanella, que não é bem do grupo da Myrian, mas que era também ali do Sedes... Então, algumas pessoas que começaram a escrever alguma coisa numa revista que elas têm até hoje, que é a Revista de Gestalt. (Luciana Aguiar)*

Ao considerarmos sua chegada ao Brasil, na década de 1970, e os primeiros escritos de autoria brasileira datados da década de 1990, chama atenção os mais de 20 anos sem produções nacionais - livros e artigos - em Gestalt-terapia na área infantil. Uma possibilidade de compreensão apontada pela protagonista Luciana Aguiar diz respeito ao caráter inicial pouco acadêmico no que tange à estruturação epistemológica da Gestalt-terapia:

*Então, só que naquela época tinha uma característica muito marcante na Gestalt-terapia entre os gestalt-terapeutas, né? É, gestalt-terapeuta era muito pouco acadêmico... [...] historicamente, o gestalt-terapeuta sempre foi aquele cara muito experiencial, muito - “vamos sentir, não sei o que lá” -, assim faço mas comunico meio que oralmente o que eu faço, mas não consigo fundamentar o que eu faço, muito menos escrever, muito menos escrever de uma forma fundamentada, acadêmica... E essa é a minha crítica - se é que eu posso fazer isso assim publicamente - aos primeiros artigos em Gestalt-terapia com crianças, exatamente publicados pelo pessoal de São Paulo. Eu acho que era uma tentativa de se falar um pouco de alguma coisa, relativa à criança, mas ainda com formato pouco acadêmico, ou pouco fundamentado. É uma coisa que sempre me incomodou muito, fundamentada em outras teorias que não a da Gestalt-terapia. Que eu acho que é uma questão histórica da Gestalt-terapia, porque os gestalt-terapeutas foram conhecer a teoria da Gestalt-terapia depois de se tornarem gestalt-terapeutas. Então assim, década de 80, início de 90, você tinha muito uma coisa assim: desenvolvimento infantil, Gestalt-terapia e Winnicott... [...] Mas assim, me incomodava que eu dizia: caramba, você tem uma abordagem como é que você não consegue fundamentar o desenvolvimento entender a manifestação da criança dentro da abordagem, você precisa pegar um psicanalista para entender. Gestalt-terapia e sei lá o quê Gestalt-terapia e não sei o quê, e teoria do apego e não sei o quê. Então as produções eram assim; eu acho que eram tentativas mas que, na prática, não me ajudava em nada, na prática, no manejo... (Luciana Aguiar)*

Destacada a relevância do Instituto Sedes Sapientae como berço do desenvolvimento da Gestalt-terapia no Brasil a partir da década de 70 (Suassuna & Holanda, 2009), observa-se que também na área infantil ele configura-se como solo fértil do qual emergiram as produções iniciais sobre clínica gestáltica com crianças. O pioneirismo deste grupo de São Paulo enuncia o desejo de evidenciar as bases teórico-filosóficas da abordagem, bem como de expandi-la, sobretudo em direção a uma compreensão do desenvolvimento humano sob o olhar gestáltico. O que se vê depois disso é um crescimento contínuo de publicações com novos temas e autores, desvinculados do instituto, ampliando a literatura existente.

## **5.2 A percepção da literatura disponível**

Todos os grupos de participantes do estudo foram indagados a respeito de como percebem a literatura disponível em Gestalt-terapia com crianças. A percepção como *insuficiente* predomina nas respostas obtidas, evidenciando uma produção tímida e restrita. Essa visão confirma os apontamentos que descrevem a carência de estudos, pesquisas e textos com esse enfoque no Brasil (Aguiar, 2014). Apesar disso, a protagonista Luciana Aguiar opina: “*De 0 a 10 eu fico como hoje com a produção de Gestalt-terapia? Eu acho que eu ficaria com 6... [...] Eu acho que tem coisas que eu acho boas e tem outras meio mais do mesmo*”. As demais protagonistas descrevem:

*...é, eu acho que a Gestalt na área infantil é bem abandonadinha né? Com adultos a gente já vê mais publicações sim. [...] Mas eu acho que de fato a área infantil é bem abandonada, carece mais atenção, mais estudo, mais exploração*

*mesmo, científica mesmo... Eu acho que [n]o Brasil está crescendo sim a área de publicação, sabe? Científica, teórico e científica. (Sheila Antony)*

*Não (me satisfaz), eu acho que a gente precisa publicar muito mais. Eu acho que a gente precisa publicar mais. Pra mim essa é uma das coisas que eu me cobro e cobro da nossa equipe, que a gente tem uma equipe belíssima aqui trabalhando com crianças, trabalhando no curso, e a gente estuda bastante junto e não publica. Então essa é uma das coisas que eu me cobro. Eu acho que tem que fazer parte dessa corrente. (Myrian Bove Fernandes)*

Na mesma direção, outros autores e profissionais compartilham suas impressões: “a produção brasileira sobre o tema é bastante restrita” (A1); “sinto que há falta de publicações nesta área e pessoas que se interessam no assunto” (A2); “vejo como fruto de uma comunidade que tem dificuldade de se debruçar e redigir sobre sua prática. Parece uma herança de uma cultura que atualmente está se transformando” (A4); “percebo que ainda é acanhada, que necessita de maior divulgação dos assuntos e técnicas que envolvem as crianças” (P1); “acho que existe muito pouco. A produção teórica na área infantil é grande, mas com enfoque gestáltico deixa a desejar” (P2) e “temos pouquíssimas produções em Gestalt-terapia, na área infantil” (P3).

Alguns desses participantes ressaltam também o processo de crescimento da literatura gestáltica relativa à infância, crescimento esse que parece ter sofrido influências diretas das produções nacionais da abordagem como um todo, as quais são percebidas em ascendência. No levantamento de dissertações de mestrado e teses de doutorado, Holanda e Karwowski (2004) descrevem o crescimento de estudos em Gestalt-terapia que culmina, nos últimos anos, na expansão da literatura da área,

sobretudo no que tange a discussões epistemológicas. Em estudo conseguinte, em 2009, Holanda aponta para a expressiva produção acadêmica brasileira nacional em Gestalt-terapia, de qualidade comparável à dos melhores centros do mundo. Nesse sentido, a opinião de A3 se faz congruente com os achados desse estudo, pois declara ser a produção “tímida, porém crescente, e tal crescimento é representado por obras consistentes e de grande contribuição para abordagem”, assim como coloca uma protagonista:

*Acho que (a literatura) está crescendo, eu acho que está crescendo: crianças e adolescentes. Aliás, eu acho que a literatura em Gestalt está crescendo muito aqui no Brasil. [...] Então acho que a gente precisaria publicar mais, mas isso vem aumentando. (Myrian Bove Fernandes)*

No entanto, tal crescimento, objetivamente verificado, é questionado no que tange ao aspecto da qualidade do que vem sendo escrito: “*como eu vejo, assim, volume, quantidade, que eu falo, aumentou; aí aumentou a produção. O meu desejo é que aumente, não quantitativamente, mas qualitativamente*” (Sheila Antony). Luciana Aguiar concorda:

*Eu acho que, hoje, a gente tem uma produção maior, mais frequente na área, mas, ao mesmo tempo, eu leio muitas coisas relativamente iguais. [...] As pessoas estão tomando coragem para falar, para partilhar, pra estudar, pra pensar. Ao mesmo tempo, tirando algumas exceções, ainda têm uma imaturidade teórica, assim, uma certa mesmice, uma certa falta de criatividade... [...] Então, a gente tem mais coisa escrita, tem mais pessoas se*

*arvorando à burilar um tema, mas a originalidade de trazer algo novo não é absolutamente congruente com a quantidade. [...] ...eu acho que a gente está neste momento, sei lá, talvez precisando de mais ânimo, de injeção nova de pensar em outras coisas [...]. Então a gente tem isso, a gente tem um incremento da produção, isso sem dúvida, sem dúvida, mas, que não é acompanhado na mesma intensidade pela qualidade. (Luciana Aguiar)*

Tais apontamentos revelam uma literatura ainda tímida, porém em ascensão, assim como descrita unanimemente pelos diversos grupos de participantes. Ainda assim, é inegável que o realce desse crescimento vem acompanhado de uma reflexão quanto à originalidade e qualidade observada nessa expansão. Dentre as respostas dadas, algumas protagonistas mencionam a escassa literatura disponível no início de suas produções na Gestalt-terapia com crianças, o que parece ter sido motivação suficiente para suas contribuições seguintes:

*Na época que eu comecei (foi em 2002 que eu terminei o meu mestrado) antes ali tinha algumas publicações de crianças mas eu achava muito superficiais sabe? Não atendia minha necessidade de entendimento que eu queria pra saber sobre o funcionamento psíquico da criança. Eu achava muito fracas as publicações. (Sheila Antony)*

*Porque quando eu publiquei esse livro (Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática), o quê que nós tínhamos em Gestalt-terapia com crianças no Brasil? O livro da Violet, alguns artigos, os mesmos, da galera de São Paulo, um ou outro livro em inglês, porque, assim traduzido para o português eu tinha o*

*Descobrimos crianças... A Violet tinha alguns artigos, está tudo na bibliografia do livro; tudo que eu achei próximo em Gestalt-terapia com crianças, está na bibliografia do livro. Então em português a gente não tinha nada; em inglês a gente tinha alguns artigos da Violet, em coletâneas em livros de psicoterapia com crianças, e um ou outro artigo, de uma ou outra autora sem grandes continuidades, um artigo único, e mais nada. E nada, mas absolutamente nada, e até hoje não tem, que desse uma espécie de roteiro. Olha, você entende assim, você compreende assim, e aí agora a partir do que você entendeu, experimenta fazer assim, assim, assim e assim, prestando atenção nisso, nisso e nisso. Então com este roteiro e com este foco, a gente não tinha nada. (Luciana Aguiar)*

Um aspecto fundamental elucidado diz respeito à falta de sistematização prático-teórico-filosófica do atendimento clínico infantil observada na literatura existente. Posta essa e as demais percepções, faz-se necessário esmiuçar a carência de temas observada na Gestalt-terapia com crianças a partir do olhar dos participantes do estudo e, a partir daí, traçar as possibilidades e perspectivas teóricas dessa abordagem. Isso reafirma a máxima que enuncia só ser possível mudar de lugar quando conhecido o lugar onde se encontra.

### **5.3 Lacunas e perspectivas teóricas**

Foram investigados os temas que, de acordo com os participantes da pesquisa, demandam melhor exploração nessa literatura, apontando-se a necessidade de novos campos de estudo. As respostas salientam uma diversidade de opiniões, às vezes até mesmo opostas. Ainda que haja concordância no fator *desenvolvimento* pontuado,



observa-se também uma divergência que revela discordâncias acadêmicas consideráveis entre autores e profissionais da área, o que pode ser analisado diante das respostas a seguir:

*A Gestalt não atende, ao menos a mim, em termos de uma compreensão mais aprofundada do funcionamento da psique da criança. [...] Acho que a gente precisa entrar mais, aprofundar mais o conhecimento sobre criança em termos de princípios e teorias do desenvolvimento. [...] Então [é] esse intra que eu sinto que faz muita falta, porque a Gestalt também tem um pressuposto dizendo assim: “a Gestalt é a teoria do entre”. Ela está só preocupada com os conflitos do entre, que são relacionais, é claro, que acontece entre. Porém, o que faz com que esse conflito aconteça entre mim e você? É algo interno, é intra psíquico, o conflito está sempre, de fato, entre dentro e fora, entre eu e o outro. Mas o que acontece internamente, no modo de pensar, sentir, fantasiar, que faz com que esse conflito apareça? Então, esse indivíduo anterior ao entre: essa eu acho que é uma questão que a Gestalt precisa entrar, que é onde a Psicanálise aprofunda. [...] Eu acho que a Gestalt, os gestaltistas, os teóricos em Gestalt precisam aprofundar mais hoje nesse funcionamento mental psíquico da criança, do ser humano, o intra mesmo. (Sheila Antony)*

*O que eu acho que precisam ser talvez mais elaborados sejam os temas de saúde e doença, e também de estudos mais complexos, de estudos que pegam a complexidade do desenvolvimento da criança... [...] Essa interlocução entre a macrocategorização, tipo DSM e a especificidade do trabalho é que a gente podia estar descrevendo mais. (Myrian Bove Fernandes)*

*...a gente se diz gestalt-terapeuta, mas a gente ainda tem uma formação muito intrapsíquica, mesmo sendo gestalt-terapeuta. Então o problema é da criança, é a confluência da criança, é a projeção da criança, é a retroflexão da criança, mas assim você conflui com o quê e com quem? Você retroflete o que, pra quem, de quem? Você projeta em quem? A partir de uma introjeção que vem de onde? Todas essas evitações, elas são evitações da relação, são evitações do campo, mas muitas vezes as produções, o gestalt-terapeuta continua meio capturado, naquela coisa de que a doença é da criança. [...] Falta essa compreensão mais ampla, sabe? [...] O que eu acho que precisa ser pensado foi aquilo que eu te falei sobre uma visão mais macro... (Luciana Aguiar)*

Há de se destacar que, embora tais percepções evidenciem o ponto de maior discrepância entre as protagonistas - sobretudo no que diz respeito aos aspectos do intra e do entre - há, no entanto, um consenso sobre o interesse na dimensão contemporânea da infância, isto é, nas demandas atuais ligadas à criança. Os aspectos históricos, sociais e culturais ganham destaque na perspectiva de crescimento dessa abordagem, pois, assim como elucidam Perls et al. (1997), são intrínsecos à maneira pela qual todo problema se apresenta. Tendo isso em vista, pensar a Gestalt-terapia como uma verdade temporária não significa invalidar o conhecimento anterior, mas considerar que as teorias precisam articular-se à contemporaneidade, atualizando o modo de se olhar para a vida (Polster e Polster, 2001). Sobre tais expectativas, discorrem os participantes:

*As novas demandas clínicas trazem novos quadros clínicos. [...] Porque, conversando com você, até o histórico, né, seria uma coisa interessante de se descrever, essa trajetória da criança... [...] Eu acho que outro assunto que é bem*

*polêmico e que precisa ter coisa escrita e que eu pelo menos não conheço, é a relação com o computador, com a máquina, com os tablets... (Myrian Bove Fernandes)*

*...questões da contemporaneidade, das crianças que a gente atende, de demandas que não existiam há dez, vinte anos atrás... É isso que eu acho que precisa ser produzido... [...] Então, eu acho que temas aí seriam temas que envolvem mais a criança contemporânea, suas especificidades, suas psicopatologias típicas, acho que essa modificação nas formas de brincar, eu acho que isso é uma coisa muito séria, acho que isso pode ser visto como etiologia de várias manifestações adoecidas da criança hoje, o quanto que o brincar está sendo cada vez mais relegado ao segundo plano ou então formatado. (Luciana Aguiar)*

*Outro problema que identifico é que as produções estão restritas a um modelo de família nuclear burguesa, que desconsidera a realidade social das famílias brasileiras, não atentam às políticas públicas para a infância e adolescência e se restringem, ainda, à psicoterapia, não envolvendo as questões educacionais, culturais, etc. Essa perspectiva leva à culpabilização do indivíduo pelo seu sucesso ou fracasso, saúde ou doença, etc, desconsiderando os elementos objetivos presentes [na] relação com o ambiente que são, também, constituintes de subjetividades. (A1)*

Essas avaliações estão em conformidade com a teoria de campo, um dos alicerces teóricos fundamentais da Gestalt-terapia, quando consideram que a criança só se fará

inteligível e compreensível a partir da relação com seu ambiente, ampliando-se o olhar para o comportamento de uma realidade interna para uma realidade em função do campo que existe no momento (Ribeiro, 2012). Em um dos artigos catalogados, Zanella (2005) traz à luz tais reflexões ao discorrer sobre o mundo contemporâneo e suas crianças:

Estamos no terceiro milênio, era da tecnologia, do avanço da ciência, da esperança de cura de várias doenças, da clonagem, da preocupação com a ecologia, o cuidar da terra, a preocupação com a preservação das reservas naturais, com o cuidar do humano. Crianças que se desenvolvem e crescem assistindo pela TV programas infantis, desenhos, novelas, a destruição das torres gêmeas, rebeliões em presídios, chacinas, tsunamis. Crianças que presenciam ao vivo e em cores cenas de assaltos, algumas delas com seus pais e com elas próprias. Crianças que sofrem violências, crianças que precisam trabalhar para ajudar em sua sobrevivência, crianças que são introduzidas ao mundo das drogas, crianças que iniciam a vida sexual tão crianças ainda! Crianças que passam fome. Crianças que compram de tudo. Crianças com agendas tão lotadas de atividades extracurriculares que mal têm tempo de brincar e crianças que não podem brincar (p. 27).

Há um realce nas múltiplas dimensões que constituem o campo da criança como co-construtora do seu jeito de estar no mundo, no espaço e tempo presentes. A articulação sócio-histórico-cultural influi, conseqüentemente, nos conceitos de saúde e doença que preconizam uma compreensão contextualizada organismo-ambiente, o que repercute diretamente na psicoterapia. Na mesma direção, Antony (2012) explicita que a

criança e os fatos mantêm inter-relações complexas, de modo que nenhum ser vivo tem existência própria ou existe por si só, e sim, a partir de uma dinâmica conectada. Frente a essa realidade multifacetada, há que se pensar na formação daquele que assume a responsabilidade com os cuidados infantis, dentre eles, o psicoterapeuta. A leitura, dentre outros fatores, demonstra ser fundamental na sua formação e atualização.

#### **5.4 O que leem os gestalt-terapeutas infantis**

Questionados sobre possíveis leituras, os dados evidenciam um destaque no interesse e citações de livros em detrimento de artigos científicos. Tais achados reafirmam a cultura “livresca” dos gestaltistas brasileiros, muito mais voltados para produções em formato de livro (Holanda, 2009). Ademais, elucidam uma realidade relevante no cenário de estudos do gestalt-terapeuta infantil: a busca por leitura em outras abordagens, aqui explicitada: *“faço leituras da Sheila Antony, Jorge Ponciano, Tania Zagury, Augusto Cury, Alice Miller, Laurence Steimberg, Içami Tiba, Luciana Aguiar, Anthony E. Wolf entre outros, além de consultar artigos e sites sobre os assuntos”* (P1). Nessa direção ratificam os demais participantes:

*...quando eu quero ter uma inspiração em termos de atividade dinâmica, eu vou na bíblia da Violet Oaklander, Descobrendo crianças. Tem um livro dela em inglês que eu também leio... tem alguns livros em inglês que são livros organizados que tem capítulos sobre crianças. [...] ...dou uma lida também na área da psicoterapia fenomenológica existencial. Chego até a ler alguns livros na área cognitivo-comportamental. Então, eu não fico restrita à Gestalt, que, como você vê, são poucas as publicações na área infantil... [...] E a Gestalt não*

*atende, ao menos a mim, em termos de uma compreensão mais aprofundada do funcionamento da psique da criança. Então, quem trabalha com criança em Gestalt tem que ler, tem que visitar outras abordagens, mesmo a psicanálise. Então eu não me restrinjo, eu leio tudo, todas as abordagens e vou traduzindo para o nosso pensamento, nossa linguagem gestáltica. [...] ...eu vou na psicanálise, Winnicott, gosto muito do Winnicott, vou em teóricos do construcionismo, psicomotricidade, teoria, abordagem da psicomotricidade é muito importante para quem trabalha com criança. (Sheila Antony)*

*Eu leio tudo, tudo que aparece de novo em Gestalt-terapia. Sei lá, alguém escreveu não sei o quê, então eu vou lá e leio. A Sheila publicou um livro, “Teoria e arte”, eu vou lá compro e leio, saiu os livros “Clínica gestáltica com crianças e adolescentes”, então eu vou lá e leio. Inclusive, porque eu acho que eu tenho um compromisso, eu sou uma transmissora do conhecimento. Então eu não posso ficar falando de uma bibliografia de dez anos atrás sem ler o que as pessoas estão produzindo. Ah, saiu artigo na revista daqui, da abordagem gestáltica, não sei o quê, eu tô lendo... Então eu tenho uma coisa assim de ir acompanhando as produções novas em Gestalt-terapia e que aí eu faço essa avaliação, acho que tem coisas interessantes, mas umas também mais do mesmo e tentando expandir, assim, as minhas leituras em outras áreas, não em outras abordagens. Em termos de compreensão de homem, de mundo, porque, assim, a Gestalt-terapia é a minha abordagem, mas quando eu falo de outras leituras eu tenho lido mais sobre neurociência, sobre neurofisiologia... Então, coisas que eu acho, como eu disse hoje na aula, que são pesquisas, que são estudos, que são achados bastante interessantes e que eu não acho que brigam com uma visão*

*gestáltica de ser-humano, eu acho que só vem colocar mais luz a determinadas características, de determinados fenômenos que a gente só conhecia a partir de um ou outro elemento, e de repente tem um outro elemento aí que contribui, outro elemento que a partir dele alguma coisa pode ser modificada, pode ser trabalhada. Então, são coisas que eu venho lendo, que eu venho estudando.*  
(Luciana Aguiar)

*Tenho o hábito da leitura constante. Estou sempre variando a leitura entre as áreas de desenvolvimento infantil, psicopedagogia, psicomotricidade e neuropsicologia, que são as minhas especializações. Atualmente, estou lendo um livro que foca o trabalho e simbologia dos contos de fadas: “Ah! Que bom que eu sei! A visão sistêmica nos contos de fadas” – Brigitte Gross e Jakob Schneider. (P2)*

*Sim, leio muitos livros de desenvolvimento infantil, alguns de Piaget e Winnicott. Muitos livros e artigos da Gestalt de maneira geral. E especificamente da área infantil, livros da Violet Oaklander, da Sheila Antony e alguns artigos de atores de diversas abordagens. (P3)*

A partir dessas citações, é possível fazer alguns apontamentos. É perceptível que o gestalt-terapeuta infantil vem debruçando-se em teorias e conceituações mais amplas ligadas à criança, tais como textos de outras áreas, do desenvolvimento humano e da neurociência, assim como de outras abordagens, seja na área da cognitivo-comportamental, sistêmica, ou mesmo nos textos psicanalíticos de Winnicott e Melanie Klein. Se isso retrata uma abertura para outros saberes e interesse neles,

visando a expandir o conhecimento, também exige do leitor a capacidade de filtrar, refletir e digerir aquilo que pode ser proveitoso e cabível dentro dos limites epistemológicos da Gestalt-terapia, o que, caso não ocorra de forma cuidadosa, pode incorrer no risco de confusões e distanciamento dos princípios dessa abordagem. Nessa direção, Sheila Antony corrobora essas considerações:

*Eu acho que a grande sabedoria de nós teóricos, que quando lemos outras abordagens, é ler e primeiro procurar um livro, um autor, que não seja tão incompatível com a Gestalt, então não adianta eu ler Melaine Klein, por exemplo. Já li, mas é ortodoxia da psicanálise infantil. Então, primeiro ver um certo nível de compatibilidade e depois fazer essa... trazer e fazer esse link com a Gestalt. [...] Então, mesmo sendo leituras assim, aparentemente opostas, a cognitivo-comportamental, a gestalt, a psicanálise, mas se eu tenho conhecimento da minha teoria, eu posso muito bem fazer uma “transformation” daquilo pra juntar com aquilo que eu entendo, que ele está dizendo, que a Gestalt está dizendo e incluir na minha prática, aplicar na minha prática.*

A assimilação do conhecimento acontece a partir de uma postura em que o leitor digere, sem engolir aleatoriamente, aquilo que lhe é apresentado como mais uma possibilidade de compreensão – e não como a única ou absoluta. Yontef (1998) afirma a necessidade do estímulo decorrente da análise teórica e das discussões filosóficas de outras perspectivas. Desse modo, a crença em um saber passível de questionamento, assimilação e diferenciação, portanto, em contínua construção, opõe-se ao conceito de “bíblia” aqui questionado por Luciana Aguiar:



*Quando a outra me disse assim: “seu livro é uma bíblia”, eu digo, pelo amor de Deus, não seja uma bíblia! Eu não quero que meu livro seja uma bíblia, por favor, porque bíblia tem aquela coisa, uma doutrina que você segue cega, aí, de repente daqui uns 10 anos eu desdigo todo o meu livro e está você seguindo meu livro como bíblia. Não acho que eu vou desdizer meu livro inteiro, mas, sabe assim? Não acho que um conhecimento tenha que ser engolido dessa forma.*

O compromisso de ler e se atualizar é uma das responsabilidades do profissional que se reconhece como principal instrumento do processo terapêutico. No entanto, fica evidente a necessidade de fazê-lo de forma crítica e reflexiva: é fundamental manter um diálogo intelectual (Yontef, 1998). Assim, o realce teórico não significa uma tentativa de privilegiá-lo, mas de equilibrar e evidenciar sua relevância na formação do gestalt-terapeuta (Aguiar, 2014). Partilhando essa opinião, Sheila Antony reitera:

*...como já dizia Kurt Lewin, “quem tem uma boa teoria, tem uma boa prática”. Então quem não tem uma boa teoria ou um nível teórico..., a gente sabe que tem terapeutas que não gostam de ler, ficam só na prática, e que podem fazer uma boa prática, mesmo não lendo, mas em algum ponto vai ficar limitado no seu atendimento terapêutico da compreensão do outro, a terapia vai ficar estagnada, vai ficar parada; em algum momento, vai. Então, é nesse momento que vai precisa ler... [...] Então, assim, eu também tenho um ditado assim: a gente só consegue levar nosso cliente a se aprofundar em si mesmo, se a gente fez isso com a gente. Então, o crescimento pessoal do terapeuta vai levar ao crescimento pessoal do cliente. Se eu, terapeuta, não leio, se eu, terapeuta, não faço cursos, não invisto no meu crescimento profissional, a minha terapia vai*

*ser rasa, não vai aprofundar, vai ajudar até um certo ponto, mas depois pára, pára... Crescimento profissional é crescimento pessoal. Crescimento pessoal é crescimento profissional. Então todo terapeuta tem que fazer uma terapia, sem dúvida. Todo terapeuta tem que estar lendo, lendo, se atualizando, investindo assim, essa é teoria e arte, terapia é teoria e arte, teoria arte e ciência, ne? Teoria e consciência. Então não dá pra ficar só na prática: “ah, porque eu amo meu cliente eu gosto de trabalhar, eu sou aberta, disponível”... Ótimo, isso é uma das coisas necessárias para ser um bom terapeuta, mas fazer leituras também é, fazer cursos também é, ir para congressos também é, fazer mestrado também é. Então as duas coisas.*

A teoria norteia e confere sentido à prática, de modo a contextualizá-la a partir de um modelo de compreensão do homem e metodologia de trabalho. A Gestalt-terapia surge em meio a uma cultura que privilegia a ação, ao passo que as ideias eram fundo, sob a influência de Perls, que deu preferência a uma corrente alternativa à acadêmica em sua propagação (Figueroa, 2015). No entanto, ao se diferenciar em duas vertentes, sendo uma delas direcionada à compreensão de seus fundamentos teórico-filosóficos, resgata essa dimensão como complementar e essencial à prática. Yontef (1998) assim esclarece:

Gestalt-terapia é liberdade para fazer terapia com espontaneidade, vivacidade e criatividade. Mas também exige responsabilidade. Responsabilidade de saber o que você está fazendo, de definir o que você está fazendo e ser compartilhado, para que os efeitos possam ser estudados. Responsabilidade de saber o que funciona, buscar as melhores opções. Responsabilidade é melhorar a terapia (Yontef, 1998, pp.133).

No entanto, um dado de alerta à Gestalt-terapia infantil é o de que buscar outras fontes também pode sinalizar uma insuficiência da literatura na área - o que gera essa espécie de “migração teórica” - a fim de tentar sanar, por meio de outras teorias, lacunas existentes na própria abordagem. Mais do que isso, reforça a necessidade de que gestalt-terapeutas se envolvam com a construção desse saber, indo além de um posicionamento que apenas questiona e reconhece a insatisfação com a produção teórica da área. Apesar disso, Luciana Aguiar compartilha: “ao invés de ficar só me lamentando, eu disse ‘bom, não tem, eu vou fazer’, foi exatamente isso”.

### **5.5 Motivações e desafios de publicar**

A construção teórica de todo e qualquer saber perpassa um movimento não linear entre fazer e pensar sobre o que se está fazendo, visto que a prática fomenta interesses e inquietações que podem tornar-se objeto de estudo para um pesquisador. Nessa perspectiva, ocorre um processo de retroalimentação entre prática e teoria, de modo que ambas se nutrem e se constituem mutuamente, o que contribui para a evolução e consolidação de um conhecimento de modo a favorecer sua crescente inserção no meio acadêmico.

Os protagonistas e os autores que possuem uma publicação foram indagados sobre suas motivações para estudar e publicar sobre o tema *Gestalt-terapia com crianças*. Em paralelo, os profissionais que não possuem essa experiência (até o momento de suas participações no estudo) foram questionados sobre haver ou não interesse em fazê-lo. O propósito dessa pergunta foi acessar a multiplicidade de percepções acerca dos procedimentos que envolvem a produção teórica, o que se torna um dos focos de

interesse da pesquisa, visto que é por meio da disseminação de um trabalho que a ciência progride (Sabadini et al., 2009).

As respostas destacam uma realidade na qual coexistem aspectos de relevância pessoal, de interesse do autor, bem como de relevância teórica, na medida em que realçam esforços para ampliar a literatura da Gestalt-terapia e contribuir com sua expansão. Sobre essa questão, Sandra Regina Cardoso exemplifica possíveis ganhos: “...é a publicação que vai te trazer uma notoriedade e uma representação e um respeito...”. Além desse, outros pontos de vista se destacam dentre os participantes da pesquisa:

*...o que me foi [...] estimulando, foi eu ter entrado e fazer parte do corpo docente do Instituto de Gestalt, porque, para dar aula, a gente precisa ler, preparar a aula. E, assim, foi despertando o desejo e a vontade de ler e escrever, e de repente ler para preparar a aula... Eu acho que foi juntando essa minha atividade docente com uma necessidade de ampliar meu conhecimento, meu saber e até que eu entrei no meu mestrado. (Sheila Antony)*

*Primeiro eu acho que eu fui sentindo necessidade de publicar algo sobre a prática. E, também, para que a Gestalt fosse reconhecida e valorizada no panorama das psicoterapias também. Assim, como uma prática que fosse a própria expressão da minha própria busca. (Myrian Bove Fernandes)*

*Acho que, primeiro, sempre é pra mim, pra eu responder as minhas perguntas; então, pensar primeiro pra mim. Aí, quando eu respondo, eu digo: nossa, bacana isso, acho que isso encaixa com isso. Aí, a minha vontade de publicar é*

*no sentido de compartilhar e de ter interlocutores. [...] Eu acho que no final das contas é isso: o desejo de partilhar e ter uma interlocução. Acho que me aquietou um pouco o coração perceber que, muitas vezes, não é só eu que penso em alguma coisa; é perceber que aquilo que eu pensei as pessoas acham razoável, perceber que aquilo que eu pensei e desenvolvi faz com que as pessoas pensem e desenvolvam outras coisas... (Luciana Aguiar)*

Dentre as diferentes motivações enunciadas pelas protagonistas destaca-se a de Sheila Antony ao mencionar um aspecto preponderante na configuração atual do cenário teórico brasileiro descrito na pesquisa. Ao correlacionar sua produção à experiência de mestrado, traz à luz questões relativas à formação e à graduação do psicoterapeuta e do professor. Do contexto acadêmico emerge o estímulo e a experiência de produzir, decorrentes do fomento ao raciocínio crítico-reflexivo e à articulação teórica. Desse modo, ao se considerar a construção do psicoterapeuta como fruto da relação estabelecida entre formador e formando (Aguiar, 2014), percebe-se que cursos de mestrado e doutorado são de substancial relevância para a possibilidade de se construir pesquisadores clínicos pelo país. Logo, localidades e institutos com uma quantidade superior de professores mestres, doutores e pós-doutores tendem a apresentar maior expressividade em sua produção se comparados aos demais.

Ademais, a relevância de um trabalho realizado, a carência de um tema, a necessidade de conferir método a um estudo são algumas das muitas razões enumeradas pelos participantes do grupo de autores sobre suas motivações para publicar: *“publicamos o artigo sobre o tema ao perceber que o trabalho que realizávamos numa Unidade Básica de Saúde era diferenciado e que merecia ser socializado com a comunidade gestáltica” (A1); “interesse no assunto, escassez de publicações na área,*

*vontade de divulgar meu trabalho” (A2); “a tímida, porém já crescente, produção científica na nossa área; a necessidade de sistematizar o conteúdo técnico-científico a ser utilizado na orientação e supervisão clínica em Gestalt-terapia com crianças” (A3).*

Ainda sobre essa questão, A4 complementa:

*Publiquei na tentativa de me forçar a colocar no papel tudo o que lia na época, na qual não existiam nem livros nem publicações que nos orientasse[m] além do Livro da Violet. Ao mesmo tempo queria contribuir para nossa comunidade que escreve pouco como eu.*

A diversidade de justificativas apontadas contemplam motivações e inquietações pessoais, além de sinalizarem uma preocupação compartilhada de corresponsabilidade com o desenvolvimento da Gestalt-terapia no país. Em contrapartida, dentre os profissionais que não publicaram e que foram questionados sobre possível interesse em fazê-lo, destaca-se o relato do participante P1: *“Não tenho interesse em publicar no momento por uma simples questão de falta de habilidade em escrever; pode ser que, um dia, mude de ideia”*. A esse respeito, os demais profissionais declaram:

*Sim, me interessa, mas tenho que admitir que não tenho tempo. Já fui solicitada diversas vezes para escrever artigos para periódicos, mas, infelizmente, não consigo me organizar para isto. Quem sabe quando diminuir um pouco minha carga horária de atendimentos possa me dedicar um pouco mais à escrita. (P2)*

*Trabalho no Serviço Público e em consultório particular e, portanto, não tenho tempo suficiente para escrever. Fui convidada a escrever um artigo sobre a*

*monografia que apresentei no término da especialização, mas, na época, os registros das sessões e as leituras já ocupavam bastante o tempo livre. Assim, achei que não daria conta de adequar o trabalho para um artigo. Às vezes, sinto vontade de publicar, mas outras vezes, penso que perdi a habilidade de escrever, com dedicação mais à prática. Talvez como um projeto futuro, quando eu me aposentar do Serviço Público. (P3)*

Os apontamentos revelam uma queixa comum nas respostas obtidas no que se refere à falta de tempo para produzir e dificuldade com a escrita. No grupo das protagonistas também emergiram pontuações com ênfases semelhantes a estas:

*Dá muito trabalho escrever um livro [risos], dá trabalho. É preciso que se renuncie a alguns programas, algumas coisas, porque exige uma dedicação muito grande. Exige uma leitura, de você pesquisar autores, tanto do Brasil quanto fora, então é um tempo que a gente tira um pouquinho da nossa vida cotidiana pra poder escrever um livro. Eu não sei te dizer porque eu gosto, eu sempre incentivo meus alunos, aliás eu diria que esse gosto que eu tomei por escrever veio depois da época do mestrado. Porque foi depois do mestrado que eu aprendi a raciocinar, organizar o pensamento, tomar posse da teoria da Gestalt e, ai, eu peguei gosto e comecei a escrever. [...] Então eu tentei ir aonde justamente eu via, onde eu sentia falta no Brasil. (Sheila Antony)*

*Todas as vezes que eu publiquei foi porque eu achei que eu precisava publicar e não porque eu queria publicar [risos]. [...] Falando por mim, não é um processo fácil; escrever não é um processo fácil. Requer muita disciplina, muita*

*exposição, né? E eu acho que essas duas coisas não têm a ver com as habilidades que eu percebo em mim como gestalt-terapeuta. Eu não sou nem muito disciplinada e nem gosto de muita exposição... Porque a gente está sempre em transformação e, depois, aquilo fica.* (Myrian Bove Fernandes)

É possível captar dentre os comentários citados o aspecto desafiador creditado, sobretudo, ao ato de escrever. A despeito disso, no texto *Folha em Branco*, Machado (2002) se esmera em problematizar os desafios da escrita, ao reconhecer elementos falhos da própria educação brasileira, que culminam em uma espécie de pânico quando o profissional se vê diante de uma folha em branco. De posse de uma liberdade angustiante, a autora reitera o ato de escrever como ato de exibição - sob o qual perde-se o controle e domínio - que vai contra a cultura da cópia, ao estimular uma atitude de pensamento e de criação autônomas. Portanto, esse parece ser um desafio aos formadores de gestalt-terapeutas distribuídos pelo país, posta a necessidade de estimular a reflexão de seus alunos, encorajando-os à produção textual. Em virtude de tais questionamentos, Luciana Aguiar corrobora essa discussão:

*A gente sabe que na própria graduação você não é muito estimulado, porque toda escola faz isso, você não é estimulado a falar as coisas com suas próprias palavras; você lê um autor, você tem que concordar com ele, você não pode discordar. Então, eu acho que as pessoas chegam, saem da faculdade, e se arvoram a apresentar coisas, mas ainda com muita pouca é, muita pouca habilidade, pouco jogo de cintura... [...] ...falta isso que eu acho que é uma tradição mais acadêmica - que não é falar difícil, não é isso - é esse trabalhar com as palavras, é poder escrever, é poder conhecer a fundamentação e*



*arrumar de uma forma nova... Não têm, as pessoas não têm prática de fazer isso...*

Sandra Regina Cardoso, por sua vez, pondera sobre a exposição inerente à publicação:

*É uma exposição? É uma exposição, foi pro mundo e aí você reza, porque você fala: agora, pronto. E aí tem esse problema que eu acho: um cuidado; primeiro, por você expor o seu cliente, apesar de mudar os dados e, enfim, você imagina cinco, seis anos, mas tem uma questão de exposição pessoal e aí você tem que ir pro risco, você pode tanto ser reconhecida, quanto rejeitada de uma forma, assim, criticada, porque as pessoas são muito egoístas nesse ponto. [...] É o teu trabalho, e aí se você publica, está no mundo, qualquer pessoa tem acesso e as pessoas vão ler, um cliente teu, ou um possível pai, vai ler, então como é que fica? Então eu acho que tem essa questão, que é delicada; eu acho que tem que ser feita com muita delicadeza, com muita consciência e, por isso, eu acho que não fácil. Por isso que você não vê tanto, porque o mundo não é tão, eu acho que tão... Por um lado você quer publicação, que mais pessoas publiquem; por outro, é muito, é uma selva assim, é algo ameaçador que você não tem controle, e é o teu trabalho, é uma coisa preciosa, é algo que você cuida e pode acabar em duas linhas.[...] Então, talvez eu acho que essa seja uma das questões que ainda você vê pouco, pouco depoimento, e aí de casos clínicos, porque é uma exposição muito grande.*

Buscando apreender a complexidade que abarca o ato de produzir e publicar, há um destaque para a especificidade do contexto clínico, que torna os psicoterapeutas mais suscetíveis ao risco de uma prática solitária, quando considerada sua condição de isolamento dentre quatro paredes, configurada sobremaneira entre o profissional e cliente. Decorrente disso, esse contexto, ainda hoje, gera distorções no que tange a sua interlocução com o âmbito acadêmico. O histórico marcado por ênfases técnicas e lacunas em sua fundamentação, somada à realidade teórica da abordagem, parece favorecer a dicotomia *clínica x universidade*, como se ambas não fossem, essencialmente, co-construtoras e integradoras do conhecimento. Sandra Regina Cardoso pontua à respeito:

*...eu acho que a gente ainda enfatiza muito prática; você fica... Inclusive é pouco a minha mentalidade: você ter um consultório, você atende seus clientes e é o suficiente: você ter um consultório que tem pacientes e você faz um certo sucesso... A publicação é para universidade, a publicação é pra quem quer seguir carreira de professor, e eu acho que aí talvez ainda seja uma defasagem. [...] Porque eu acho que ainda a gente tem uma mentalidade com o trabalho clínico, com o consultório, com o paciente e isso já satisfaz o nível e não se vê com uma possibilidade de você expandir e comunicar um tipo de trabalho.*

Novamente, a herança dicotômica da Gestalt-terapia se faz presente ao distanciar a clínica da universidade ou, em outras palavras, o psicoterapeuta do pesquisador. Será sistematizada a seguir uma (das tantas) possibilidades de aproximação da prática clínica com a produção teórica, a partir de um percurso que compreende três etapas

fundamentais: 1. delimitação da demanda ou do interesse; 2. pesquisa e escrita e 3. compartilhamento do estudo.

### **5.5.1 Delimitação da demanda ou interesse**

O primeiro passo diz respeito ao contato com uma demanda clínica que gera uma inquietação pessoal e, conseqüentemente, direciona o interesse do estudo. Em linguagem gestáltica, poderíamos dizer que, a partir de um fundo, algo torna-se figura, isto é, o fundo revela a figura permitindo-a emergir (Ribeiro, 2012). Em outras palavras, a figura é o interesse energizado, aquilo que se apresenta como solicitação. Nesse caso, o delineamento de tal interesse está associado àquilo que se mostra necessário e investido de curiosidade pelo psicoterapeuta.

As respostas apontam para os contextos vivenciados por cada profissional como motivadores na busca por novas respostas, como reitera Sheila Antony: “a necessidade gera o campo, e o campo gera a necessidade. Ali, no caso, eu estava no campo, um ambiente médico-psicopedagógico, em que foi despertando a necessidade do conhecimento diante daquilo que eu estava vivendo lá com as crianças”. Sobre a relação inerente à prática e à teoria, Myriam Bove acrescenta:

*Na verdade, eu acho que o que leva a esse crescimento é a prática. A teoria, de alguma maneira, ela é construída, é uma construção, que é feita em cima de uma observação, de uma prática. E a teoria auxilia a prática. Como a gente vê, todas as coisas são circulares: toda teoria é um referencial para a prática [tanto] quanto a prática é um subsídio pra se construir, se constituir uma teoria.*

À respeito do livro publicado por Luciana Aguiar e suas demandas, a autora esclarece:

*Talvez a única certeza que eu voltei naquela época era de que eu precisava construir uma forma de trabalhar que eu pudesse fundamentar em tudo que eu estava estudando e reestudando da Gestalt-terapia, principalmente aquelas coisas que eu não encontrava respostas. [...] ...porque esse livro surgiu assim, então a partir das minhas dificuldades, a partir dos lapsos, a partir das minhas perguntas que não tinham respostas, que era assim, como trabalhar com crianças em Gestalt-terapia sem ser uma capa de imitação da Violet.*

Essa perspectiva salienta a importância do gestalt-terapeuta, e do psicoterapeuta de modo geral, de refletir acerca de sua prática, suas dificuldades, inquietações, interesses e hipóteses, que poderão vir a ser focos de estudo. Barber e Browell (2014) descrevem como fase de pré-contato aquela em que os pesquisadores são afetados por influências que os levam a considerar a possibilidade de realização de uma pesquisa, em um processo de previsão e preparação criativa que se transformará em realização.

### **5.5.2 Pesquisa e escrita**

Essa é a etapa da realização ou execução, momento em que se inicia o estudo e a escrita de um trabalho. Envolve o próprio ato de pesquisar, bem como a articulação entre a leitura e os dados apanhados, desenvolvendo uma nova contribuição, ou uma nova face de um saber já consolidado. Exige esforço, renúncia e dedicação do pesquisador. Nesta etapa, a leitura e estudo, somados à compreensão do leitor, são

fundamentais para gerar algo novo e autoral. Machado (2002) salienta que é preciso, além do estudo, de um esforço para se arriscar no ato de escrever, que é, segundo a autora, alvo de uma censura prévia e imobilizadora. Nessa direção, Luciana Aguiar provoca:

*Então, vamos embora ler e pensar, e mastigar. [...] Eu acho que isso é muito importante; dentro da formação, você poder desenvolver e trabalhar a possibilidade da mastigação, já dizia Perls lá no “Ego, fome e agressão”. De você mastigar aquilo, daquilo ser assimilável, de você usar sua energia agressiva de forma construtiva e, com isso, dar lugar a suas próprias ideias, às suas produções.*

### **5.5.3 Compartilhar o estudo**

“Se você não publicar seus achados, eles simplesmente não existirão!”, alertam Sabadini et al. (2009). O terceiro passo da publicação diz respeito ao compartilhar, isto é, ao tornar público o conhecimento gerado, o que acontece por meio da escrita de manuscritos e, por conseguinte, da submissão a uma revista ou periódico – o que lhe confere um caráter científico – e, também, da publicação como livro. Não cabendo aqui adentrar no questionamento sobre cientificidade, esta etapa está centrada, fundamentalmente, na questão de tornar público um estudo.

O ganho de qualquer publicação vai além da contribuição para a própria abordagem, mas ecoa, sobretudo, na própria comunidade, que, ao buscar, encontra suporte teórico. A respeito disso, Sheila Antony discorre: “...a gente estava falando como é importante de fato compartilhar o conhecimento adquirido para gente poder

*trazer uma luz para os outros*”. Em contrapartida, Sandra Regina Cardoso assinala o ganho pessoal do profissional que publica: “...é assim que você é conhecido; sem publicação, ele pode conhecer no congresso e tal, mas é a publicação que vai te trazer uma notoriedade e uma representação e um respeito...”. Pontuando diferentes perspectivas, as demais protagonistas argumentam sobre a relevância de compartilhar um estudo:

*...eu fiz inicialmente pra mim (o livro). Mas como eu não aguento ficar quieta, eu resolvi que eu ia compartilhar com as pessoas também. Eu disse: pô, pelo menos elas não vão passar por esse perrengue que eu passei, ne? Mas não foi para o outro, inicialmente, eu fiz pra mim; na medida que eu fiz pra mim, eu disse: bom, então eu vou compartilhar com as pessoas. (Luciana Aguiar)*

*...e eu acho que é tudo isso que a gente tem que falar pro mundo: que existe, porque você se vê encantada, se vê seduzida, aí você quer compartilhar. Existe também um caminho assim”. Então acho que é por isso que precisa publicar, é como um testemunho: isso existe, isso vale a pena, esse testemunho da prática. (Myrian Bove Fernandes)*

De forma sucinta, a protagonista Sandra Regina Cardoso compila satisfatoriamente um aspecto fundamental sobre a atitude de compartilhar: “...publica, se você não publica, você vai perder uma chance de mostrar algo importante”. Ter um interesse, uma demanda, pesquisar, estudar e escrever sobre eles não é suficiente para gerar conhecimento. Isso só existe a partir do momento em que este se torna público, e ganha espaços mais amplos e de maior domínio. Sabadini et al. (2009) concordam com isso, ao pontuarem que a publicação é o último e indispensável passo da pesquisa, visto que,

não fazê-lo estanca o progresso da produção e disseminação do conhecimento, tornando-se uma satisfação temporária do pesquisador. Tais pontuações elucidam a corresponsabilidade dos gestalt-terapeutas com o avanço e desenvolvimento da abordagem, o que exige deles uma postura mais ativa frente a seus impasses, questionamentos, bem como às suas tentativas de respondê-los.

## **5.6 As particularidades do atendimento infantil**

Muito embora não tenha sido este um questionamento explícito nas entrevistas, as protagonistas do estudo evidenciaram em suas falas algumas particularidades da clínica infantil. Discorreram a respeito de questões fundamentais ao atendimento desse público, trazendo à luz a inquietante percepção de haver uma minoria de gestalt-terapeutas que atuam com crianças no Brasil atualmente. Tais trechos foram aqui enfatizados por elucidarem considerações essenciais a essa prática, apresentados a seguir como um convite à reflexão:

*Atender criança é muito mais complexo do que atender adulto; requer mais conhecimento do terapeuta, do psicólogo, porque a gente precisa entender a criança em seus conflitos e todas as suas coisas do desenvolvimento, seus processos do desenvolvimento físico e corporais. Então, precisamos entender também do funcionamento adulto, por conta dos pais, porque a gente precisa atender os pais também. Então, é complexo nesse sentido, porque às vezes a gente precisa orientar professores, inclusive sobre o desenvolvimento cognitivo da criança; então requer um conhecimento mais amplo do terapeuta atender criança do que atender adulto. Então, assim, talvez por isso que tenha... e outra*

*coisa, precisa ter paciência também [risos] pra atender crianças, não é todo mundo que tem. Eu diria que é pouco, realmente são poucos, existem bem mais terapeutas pra adulto do que para criança e adolescentes [...] Tem muita coisa dentro do psiquismo humano que a gente pode estudar ainda, deve estudar para atender a criança, e entender o adulto, porque quem entende a criança vai tratar o adulto e entender os conflitos do adulto mais fácil, não tratar, lidar. Porque, às vezes, tem terapeutas de criança que não conseguem atender adultos, só a criança, e vice-versa. Mas o que eu falo assim, que em termos [...] teóricos, quem entende a criança vai conseguir entender o adulto. (Sheila Antony)*

A protagonista Sheila Antony ressalta, dentre outros pontos, a necessidade do conhecimento, sobretudo o específico desta realidade, na constituição de um gestalt-terapeuta infantil. A familiaridade com teorias do desenvolvimento humano expande a possibilidade de compreensão e ajuda o psicoterapeuta a saber o que observar, pensar e como falar com a criança, orientando seu nível de intervenções (Antony, 2012). Isso significa capacitar-se com informações que, em dado momento, poderão ser um aporte no trabalho com os pais. Seguindo nessa direção, Luciana Aguiar contribui:

*Na minha experiência, se eu fico lá só dando orientação, a mãe me dá um soco na cara e vai embora, porque ela não quer prescrição, ela não quer aiaiai... Então tá, eu não posso ficar só dando orientação. Mas se eu fico só trabalhando promoção de **awareness**, então eu estou fazendo terapia dela e tem coisas que ela me demanda, que ela quer saber e ela não sabe. Então, eu tenho que*



*informar também. Então, como é que eu vou fazer isso? [...] Meu trabalho com os pais ele não precisa ter um objetivo só, ele pode ter alguns e eles se entrelaçarem, e um complementar o outro... E aí eu pensei: bom, essa é uma forma de fazer o acompanhamento de pais em psicoterapia. (Luciana Aguiar)*

O trabalho com os pais, destaque na fala de Luciana Aguiar, é fundamental no atendimento infantil, visto que a Gestalt-terapia se fundamenta em uma perspectiva de ser humano a partir de seu contexto, sendo a família e a escola compreendidas como um “fundo” que dá sentido às manifestações da criança, constituindo uma totalidade dinâmica (Aguiar, 2014; Antony, 2010). Além disso, ancora-se na perspectiva de campo, de Kurt Lewin, ao abarcar a criança e suas manifestações inseridas em um contexto total como o qual se encontra em relação (Ribeiro, 2012).

O atendimento com os responsáveis, fundamental ao processo terapêutico, perpassa quatro objetivos terapêuticos distintos e complementares: 1. informar e esclarecer os pais; 2. orientar, oferecendo-lhes possibilidades e alternativas de como lidar com determinada questão a respeito das qual não vislumbram qualquer possibilidade de manejo; 3. promover a awareness acerca de suas dificuldades, impedimentos e potencialidades e 4. facilitar a comunicação entre os membros envolvidos no processo, isto é, criança, família e escola (Aguiar, 2014). A escolha pela postura a ser adotada em cada momento acontece baseada na demanda apresentada no aqui-e-agora de cada atendimento. Em relação a outras especificidades da clínica infantil, Myriam Bove Fernandes discorre:

*É uma coisa que faz uma certa diferença... Do ponto de vista de preparo físico que precisa ter para estar com a criança, que eu acho que é importante, e*

*também de estar convivendo no imaginário da criança; então, numa linha de interesse mesmo. De quando ela fala de Pokemón, saber o que que é Pokemon; de quando fala de Mangah, saber o que é Mangah... quer dizer, tem que estar nesse universo. [...] A relação terapêutica, embora fosse criança e adulto - porque tem uma questão hierárquica entre a criança e o adulto que eu acho importante de ser considerada - mas é uma relação dialógica, é uma relação de paridade, de parceria.*

Neste recorte, Myrian Bove Fernandes discorre sobre a disponibilidade do psicoterapeuta, física e psicológica, de estar com a criança, o que vai desde a abertura para sentar-se ao chão para brincar até o interesse genuíno de compreender e inteirar-se de seu universo. Ancorada na relação dialógica, energiza a força do entre, sendo este um fundamento teórico e prático essencial na Gestalt-terapia. Nessa perspectiva, o psicoterapeuta deve estar disponível para entrar na experiência subjetiva do cliente, o que exige daquele estar presente diante deste, isto é, estar o mais completamente disponível para o outro em dado momento (Hycner, 1995). Valendo-se de uma metáfora, Sandra Regina Cardoso constrói uma figura que ilustra, sinteticamente, a complexidade e beleza do atendimento infantil na Gestalt-terapia:

*...você querer saber de alguém que não ia conseguir te dizer o que estava se passando, mas o desafio de você conseguir captar. Então essa relação, essa instigante atitude, a tua atitude diante de alguém que não vai conseguir te falar mas você tem que estar atento à sensação, a um gesto, um olhar, isso sempre me fascinou, e eu sempre falo que é como se fosse uma arqueologia; ou eu seria psicóloga ou arqueóloga, porque é tipo você procurando: quando a gente*

*assiste, você pega uma escovinha, e parece que só tem terra; e aí você começa a olhar e limpar bem delicadamente e você encontra. Então, pra mim, eu faço essa metáfora, entre arqueologia e psicologia. [...] ...eu não sentia que as crianças tinham atenção e o respeito que precisavam, principalmente, eles precisavam de ajuda; então, eu fui trabalhar aí. E eu me via muito assim mesmo, me colocando num lugar com os pais e isso aí, lógico, você trabalha com os pais, família, mas o meu papel era de ser a voz para esses pais, pra essa família, pra essa escola, dar uma voz para essa criança que ela não conseguia, ela não consegue te dizer.*

Parafrazeando tal comentário, é essencial distinguir que, embora o psicoterapeuta não seja ele próprio, a voz da criança, trabalha no sentido de que ela seja escutada conforme suas possibilidades e formas de “falar”. É fundamental, de acordo com a visão de homem da Gestalt-terapia, trabalhar com as possibilidades e limitações inerentes à clínica com crianças, lançando mão da psicoterapia pessoal, supervisão e estudo como principais suportes para a formação e contínua constituição desse profissional.

## Capítulo 6

### Considerações finais

Ao analisar o total de livros e artigos catalogados, a pesquisa revela uma produção incipiente diante da relevância do tema. O total de 48 obras catalogadas distribuídas ao longo de 34 anos equivale a uma média de 1,4 produções por ano. Ainda que a média não represente com exatidão a realidade, os dados descreveram uma realidade que denuncia uma espécie de “abandono” da produção teórica em Gestalt-terapia com crianças no Brasil, que, ainda que contabilize 34 anos desde a primeira tradução específica na área, configura-se como uma literatura em fase inicial. Decorrente disso, a percepção de uma produção restrita, aqui confirmada, parece não acompanhar o progresso da bibliografia observada na abordagem gestáltica como um todo, evidenciando a necessidade de mais estudos e pesquisas direcionados à clínica e a pesquisa infantil.

As regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil detêm a predominância de escritos centrados sobre o tema *Gestalt-terapia com crianças*. Configuram-se como os centros de produção com esse tema e também concentram a maior parte das revistas impressas e eletrônicas pesquisadas. Isso demonstra haver uma convergência territorial congregando pesquisadores e revistas científicas. Ou seja, os locais que sediam tais revistas parecem funcionar como um fator aglutinador da produção. A ausência de produções na maioria dos estados das regiões Norte e Nordeste, além da pequena representação da região Sul, espelha uma realidade acanhada no que tange à publicação de livros e artigos com esse enfoque. Este dado é relevante se considerado que, em 15 dos 26 estados federados que compõem o Brasil, não há registro de qualquer produção teórica. Com isso, fica evidente a necessidade da propagação territorial e disseminação acadêmica da Gestalt-

terapia com crianças em toda a extensão do Brasil. Todavia, esta análise atingiria maior complexidade, e possivelmente maior fidedignidade, se considerada a densidade demográfica de gestalt-terapeutas pelo país, gerando um dado de referência para tal apreciação. Por não ter sido esta uma variável explorada na pesquisa configura, portanto, uma lacuna no estudo.

A autoria dos artigos e livros catalogados no estudo se concentra, sobretudo, no triângulo São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, a exemplo da disseminação inicial observada com a chegada da Gestalt-terapia ao Brasil (Suassuna, 2008). Por sediarem a origem da abordagem no país, despontam no número de produções e delineiam os grandes centros de estudo na área. Ao se recontar a história dos primeiros artigos brasileiros publicados, observa-se que estes surgiram a partir de um grupo de estudos formado em São Paulo, no Instituto Sedes Sapientae, o que pode ser evidência de que a formação de grupos que fomentem o estudo e a reflexão se configuram como estímulo à produção teórica. Ademais, estas regiões, conforme observado por Holanda (2009) concentram o maior número de trabalhos de mestrado e doutorado do país e, portanto, explicitam a aproximação da Gestalt-terapia com a academia.

A literatura percebida pelos participantes mostrou-se coerente com os achados, já que realçaram o tímido crescimento evidenciado pelo progresso no número de produções. Torna-se notável que as influências teóricas norte-americanas, berço da Gestalt-terapia, reverberam ainda hoje na literatura brasileira sobre psicoterapia com crianças, merecendo destaque a obra de Violet Oaklander, *Descobrimo crianças*. O modelo apresentado pela autora determinou o estilo para onde caminharia a psicoterapia infantil gestáltica no Brasil, visto que, na falta de uma teoria, fez-se desse livro, um guia de atendimento.

Por não ser o propósito da obra americana elucidar a fundamentação da prática apresentada, e sim a exemplificação de experimentos e técnicas, seu uso indiscriminado pode gerar sérias confusões no leitor. Não sendo esse o seu objetivo, considerá-la como a bíblia do atendimento com crianças é incompatível com a totalidade a que se propõe a abordagem gestáltica, tomando-se a parte – a prática – pelo todo, o que configura um grave equívoco. Ademais, há que se considerarem as diferenças culturais e histórico-sociais entre a criança americana e a brasileira, tendo em vista os diferentes contextos nos quais estão inseridas, o que influi diretamente na compreensão da relação terapêutica, no conceito de saúde-doença, dentre outros, como também na prática clínica.

As crianças da década de 2010 não são as mesmas da década de 1980. As particularidades da criança brasileira contemporânea foram apontadas como a principal lacuna da produção teórica existente pelos participantes de estudo em questão. Observa-se, portanto, que a produção teórica dos últimos 30 anos não contempla a criança atual, o que se configura em uma direção a ser trilhada pela literatura gestáltica. Sendo assim, realçou-se a necessidade de compreender as demandas atuais da criança a partir de sua realidade atual: condições socioeconômicas, tecnologia, terceiro milênio etc. A pesquisa clínica e, sobretudo a Gestalt-terapia, pode corroborar categoricamente essa problematização, ao propor metodologias de investigação sistemáticas que abarquem o ser criança no aqui-e-agora.

Ao se relatarem outros lapsos, evidenciou-se uma divergência de percepções entre as protagonistas, o que pode ser indicador de um desacordo teórico-prático acadêmico presente entre os gestalt-terapeutas. No que tange às leituras, foram apontados o interesse pela literatura existente na Gestalt-terapia, assim como pela de outras abordagens. A abertura ao conhecimento, o interesse por novos achados se mostram

essenciais ao crescimento teórico de qualquer profissional. No entanto, ainda hoje acontece de o gestalt-terapeuta estender sua leitura a outras áreas, ao mesmo tempo em que desconhece a de sua própria abordagem. Portanto, ler, estudar, pesquisar e publicar são atitudes fundamentais ao crescimento profissional individual, à qualidade do serviço prestado e à expansão da comunidade gestáltica como um todo no campo das psicoterapias e em meio a outros saberes.

É possível reconhecer, com esta revisão, que os autores brasileiros que escreveram os livros posteriores compartilham, ainda que valendo-se de suas particularidades, de um esforço comum no sentido de dar consistência teórica à clínica que desenvolvem em seus consultórios. Com isso, é possível perceber que, apesar de alicerçados em um terreno epistemológico comum, as possibilidades de atuação serão tantas quantos forem os psicoterapeutas. Isso possibilita desmistificar a concepção de que existe uma única forma de pensar ou, mesmo, de que o que está posto é inquestionável. Portanto, abre-se a oportunidade para que diferentes gestalt-terapeutas avancem no estudo, sistematização, pesquisa e publicação na área.

A despeito disso, os achados evidenciam que pesquisar não é uma cultura recorrente do gestalt-terapeuta de crianças. Ainda que portadores de um discurso que afirma a escassez da literatura, percebe-se entre eles a falta de uma ação direcionada a ampliá-la. Isso sugere a existência de uma minoria que se compromete com a produção de conhecimento no enfoque infantil. Há que se destacar dois fatores preponderantes nessa compreensão: a histórica herança, no Brasil e no mundo, da dicotomia entre teoria e prática nessa abordagem e o contexto clínico, ainda hoje, distanciado da academia. Desta forma, o ato de pesquisar e publicar parece estar predominantemente vinculado ao papel do professor e distanciado da figura do psicoterapeuta. Perls (1977) afirma:

o objetivo da terapia, o objetivo do crescimento, é perder cada vez mais sua ‘mente’ e aproximar-se mais dos seus sentidos. Entrar cada vez mais em contato com o mundo, ao invés de estar apenas em contato com fantasias, preconceitos, apreensões, etc (p.77).

Tal colocação pode ecoar como um convite à técnica, à prática, em detrimento da teorização. Assim, compreende-se que a Gestalt-terapia nasce com o preceito de uma psicoterapia que era para ser feita, e não para ser pensada. Sessenta e cinco anos após sua fundação, muitos gestalt-terapeutas reproduzem essa assertiva ao atuarem intuitivamente e dissociados de uma postura teórico-reflexiva que embasa efetivamente sua prática terapêutica. Não se pretende, com isso, enunciar que as teorias sejam destaque no atendimento clínico, o que comprometeria a metodologia fenomenológica, mas, sobretudo, uma integração que fundamente o processo, a compreensão e a tarefa psicoterapêutica, o que pode reverberar no incremento de estudos e de pesquisas.

O gosto pela pesquisa e o interesse pelo mundo da criança são experiências decorrentes do estímulo presente (ou ausente) na formação do gestalt-terapeuta. Assim, questionamentos que problematizem a produção teórica desse profissional perpassam essencialmente, a base de sua formação. A graduação dos professores à frente dos cursos de treinamento em Gestalt-terapia e seu envolvimento com pesquisas, assim como o constante incentivo à reflexão do aluno, são alguns exemplos de fatores que influenciam no engajamento desse profissional no contexto acadêmico. Ademais, o panorama aqui apresentado justifica reflexões envolvendo a estrutura das grades curriculares do ensino da Gestalt-terapia com crianças nos mais diversos cursos distribuídos pelo país. Isso culmina no questionamento do espaço destinado à Gestalt-terapia com crianças, muitas vezes apresentada em uma única disciplina, sob uma



perspectiva genérica. Considerando as particularidades do atendimento infantil, esse formato de ensino pode estar associado à minoria de profissionais que optam por atender o público infantil, tendo em vista a qualidade do suporte que lhes vem sendo oferecido.

Aos gestalt-terapeutas infantis, esta pesquisa os convida a refletir sobre a necessidade de expandirem as fronteiras das quatro paredes do consultório, de modo a se tornarem observadores, pesquisadores e autores da clínica com crianças. Isso inclui reconhecer essa demanda, estudar, pesquisar, escrever e publicar sobre gestalt-terapia infantil. Esse último passo, sobretudo, é fundamental para que o conhecimento gerado possa tornar-se público, o que lhe confere existência. Ainda que tenha crescido a quantidade de estudos em nível de graduação e pós-graduação, podendo, por isso, contribuir com a área e seus profissionais, quando esses estudos não são compartilhados, têm alcance limitado, além de não serem validados perante a comunidade científica.

Conclui-se afirmando que esta pesquisa cumpre os objetivos que se propôs, ao apresentar um panorama da produção teórica no Brasil na área de Gestalt-terapia com crianças. Elucidar este cenário fora possível a partir da metodologia qualitativa descritiva. A análise de conteúdo categorial temática permitiu, de forma eficaz e coerente, explicitar os temas emergidos nos discursos dos participantes, possibilitando ampliar a compreensão da realidade pesquisada.

Os dados aqui apresentados permitem identificar que a pesquisa em Gestalt-terapia com crianças atualmente no Brasil caminha lentamente, o que dá razões para reflexões envolvendo a necessidade de o psicoterapeuta, por meio do estudo, construir uma ponte entre o contexto clínico e o acadêmico. Isso revela que o gestalt-terapeuta vem trabalhando com uma criança que pouco conhece, quando considerados os

comportamentos, necessidades e expressões atuais da criança brasileira. Construir essa compreensão transcende o ato de estudar, embora seja o ponto de partida para tanto. Envolve reflexão a respeito da complexidade social, histórica e cultural, que perpassa a relação do organismo com o seu ambiente. Quando alienados desta perspectiva, a brincadeira perde o sentido, a patologia fica descontextualizada e até mesmo os recursos lúdicos podem ser inadequados para a criança de hoje – o que tem implicações, sobretudo, na metodologia de trabalho com essa criança. Essa possibilidade enfatiza a demanda de novos estudos direcionados à compreensão da criança brasileira do século XXI.

Ademais, fica claro que não somente não se publica, mas que, também, pouco se pesquisa nessa área, o que permite refletir sobre o compromisso ético do gestalt-terapeuta com o cuidado com crianças. Ao desvencilhar-se da tarefa de constituir e renovar o conhecimento, negligencia o contexto infantil e dele se descuida. Parafraseando Sartre, filósofo francês, ao dizer não importa o que fizeram com você e, sim, o que você faz daquilo que fizeram com você, propõe-se com os achados desta pesquisa uma superação das heranças dicotômicas da abordagem gestáltica no Brasil, o que reitera a responsabilidade de cada profissional com a construção do futuro desse saber.

## Referências

- Aguiar, L. (2001). Gestalt-terapia com crianças: a concepção de homem e suas implicações na prática clínica. *Revista de Gestalt*, 10, 07-14.
- Aguiar, L. (2005). Gestalt-terapia com crianças: aspectos relevantes no trabalho com a família. *Revista de Gestalt*, 14, 33-38.
- Aguiar, L. (2005). *Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática*. São Paulo: Summus.
- Aguiar, L. (2014). *Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática*. São Paulo: Summus.
- André, C. S. (2012). *Análise bibliométrica do periódico científico Transinformação*. Trabalho de conclusão de curso. UFSC: Florianópolis. Recuperado em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/98600/Cleber%20da%20Silva%20Andr%C3%A9%20-%20Biblioteconomia%20-%20TCC2012-2.pdf?sequence=1>
- Antony, S. & e Ribeiro, J. P. (2004). A criança hiperativa: uma visão da abordagem gestáltica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 127-134. doi: 10.1590/S0102-37722004000200005
- Antony, S. & e Ribeiro, J. P. (2005). Hiperatividade: doença ou essência um enfoque da gestalt-terapia. *Psicologia: ciência e profissão*, 20(2), 186-197.
- Antony, S. (2004). A criança hiperativa que tem vento nos pés e o olho maior que a barriga: um enfoque da Gestalt-terapia. *Revista do X Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*, 10, 105-111.
- Antony, S. (2006). A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico. *IGT na Rede*, 3(4). Recuperado em

[https://www.igt.psc.br/Artigos/a\\_crianca\\_em\\_desenvolvimento\\_um\\_olhar\\_gestaltico.htm](https://www.igt.psc.br/Artigos/a_crianca_em_desenvolvimento_um_olhar_gestaltico.htm)

- Antony, S. (2010). Um caminho terapêutico na clínica gestáltica com crianças. In S. Antony (Org.), *A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento* (pp.79-108). São Paulo: Summus.
- Antony, S. (2012). *Gestalt-terapia: cuidando de crianças teoria e arte*. Curitiba: Juruá.
- Antony, S. M. R. & Ribeiro, J. P. (2008). Compreendendo a hiperatividade: uma visão da Gestalt-Terapia. *Comun. Ciências da saúde*; 19(3), 215-224. Recuperado em [http://www.escs.edu.br/pesquisa/revista/2008Vol19\\_3art02compreendendo.pdf](http://www.escs.edu.br/pesquisa/revista/2008Vol19_3art02compreendendo.pdf)
- Antony, S. M. R. (2009). A criança com transtorno de ansiedade: seus ajustamentos criativos defensivos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(1), 55-61. Recuperado em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672009000100009&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672009000100009&script=sci_arttext)
- Antony, S. M. R. (2009). Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da Gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(2), 356-375. Recuperado em <http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a07.pdf>
- Araújo, C. A. (2006). Bibliometria: evolução história e questões atuais. *Questão*, 12(1), 11-32. Recuperado de <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/revistaemquestao/article/viewFile/3707/3495>
- Barber, P. & Browell, P. (2014). Pesquisa qualitativa. In Browenell, P. (Org.), *Manual de teoria pesquisa e prática em Gestalt-terapia* (pp. 55-84). Petrópolis: Vozes.

- Barbosa, P. G. (2011). A criança sob o olhar da Gestalt-Terapia. *IGT na Rede*, 8(14), 2-22. Recuperado de <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=333&layout=html>
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brandão, F. (2005). Noções teóricas gerais sobre o desenvolvimento humano. *Revista do NUFEN*, 03, 07-24.
- Campos, B. G., Toledo, T. B. D., & Faria, N. J. D. (2011). Clínica gestáltica infantil e integralidade em uma unidade básica de saúde. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(1), 23-29. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672011000100005&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672011000100005&script=sci_arttext)
- Cardella, B. H. P. (2002). *A construção do psicoterapeuta: uma abordagem gestáltica*. São Paulo: Summus.
- Cardoso, S. R. (1995). Reflexões sobre as primeiras relações da criança, segundo a Gestalt-terapia. *Revista do I Encontro Goiano de Gestalt-terapia*, 1, 87-90.
- Caregnato, R. C. A. & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Contexto Enferm*, 15(4), 679-84. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>
- Carneiro, V. M. S. P. & Silva, M. P. (2013). Quando brincar é viver criativamente: o encontro da abordagem gestáltica com a winnicotianna. *IGT na Rede*, 10(19), 335-350. Recuperado de <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=437&layout=html>
- Cavanellas, L. B. (2007). Trazendo os pais pelas mãos: em busca de um sentido para a terapia de crianças. *IGT na Rede*, 4(7), 230-235. Recuperado de <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=160&layout=html>

- Ciornai, S. (1997). Gestalt-terapia no Brasil. In *Gestalt-terapia na América Latina*. AAGT, São Francisco.
- Conti, M. A., Domingues, S. F. S., Fiedler, R. C. P., Pedras, R. N. & Silva, S. M. A. F. (2014). Relato de um estágio realizado com crianças em um Centro Educacional e de Assistência Social. *IGT na Rede*, 11(20), 143-159. Recuperado de [file:///C:/Users/MARIANA/Downloads/IGTnR-2014-476%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/MARIANA/Downloads/IGTnR-2014-476%20(3).pdf)
- Costa, M. I. M. & Dias, C. M. S. B. (2005). A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt terapia e centrada na pessoa. *Estudos de Psicologia*, 22(1), 43-51. Doi: 10.1590/S0103-166X2005000100006
- Costa, V. E. S. M. (2002). O diálogo abortado como a gênese dos transtornos da infância. *Revista do VIII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*, 9, 70-76.
- Dalfovo, M. S.; Lana, R. A. & Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 2(4), 01-13. Recuperado de [http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/metodos\\_quantitativos\\_e\\_qualitativos\\_um\\_resgate\\_teorico.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico.pdf)
- Deslauriers, J. P. (1991). Recherche qualitative: guide pratique. Québec: McGrawHill Éditeurs.
- Elias, G. P. & Pedroso, V. B. V. (1999). A gestalt do diagnóstico infantil. *Revista do V Encontro da Abordagem Gestáltica*, 5, 93-95.
- Elias, G. P. (2001). Gestalt: uma proposta psicoterápica para crianças. *Revista do VII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*, 7, 117-126.
- Estatuto da criança e do adolescente, artigo 4º (1990).

- Fernandes, M. B. (1995). Gestalt e crianças: crescimento. *Revista de Gestalt*, 4, 63-73.
- Fernandes, M. B. (1996). Trabalho com crianças, adolescentes e famílias em Gestalt-terapia. *Revista do II Encontro Goiano de Gestalt-terapia*, 2, 44-48.
- Fernandes, M. B., Nogueira, C. R., Lazaros, E. A., Zinker, S. R. C., Ajzenberg, T. C. P. & Maffei, C. M. (1998). A gênese da construção da identidade e da expansão de fronteiras na criança. *Revista de Gestalt*, 7, 43-48.
- Fernandes, M. B., Nogueira, C. R., Lazaros, E. A., Zinker, S. R. C. & Ajzenberg, T. C. P. (2000). Figuras de apego: matriz dos vínculos afetivos. *Revista de Gestalt*, 9, 17-23.
- Figueroa, M. (2015). *As técnicas em gestalt-terapia*. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas, Volume 3). São Paulo: Summus.
- Frazão, L. (1997). Apresentação à edição brasileira. In Perls, F., Hefferline, R. & Goodman P, *Gestalt-terapia* (pp.07-10). São Paulo: Summus.
- Frazão, L. (2013). *Um pouco da história... Um pouco dos bastidores*. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas, Volume 1). São Paulo: Summus.
- Gi, C. Y. (2001). Tentativas de encontrar a ordem da formação dos mecanismos da criança. *Revista de Gestalt*, 10, 15-24.
- Gold, E. & Zahm, S. (2014). A necessidade de pesquisa em Gestalt-terapia. In P. Brownell, *Manual de teoria pesquisa e prática em Gestalt-terapia* (pp. 43-54). Petrópolis: Vozes.
- Goldberg, I. G. (2011). A criatividade terapêutica como diferencial no atendimento infantil: "sessão chocolate". *Revista da Gestalt*, 16(16), 16-20.

- Gouvêa, G. (2004). A teoria do self aplicada ao atendimento de crianças vítimas de violência doméstica - uma visão gestáltica. *Revista de Gestalt*, 13, 49-54.
- Holanda, A. F. & Karwowski, S. L. (2004). Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. *Psicologia Ciência e Profissão*, 24 (2), 60-71. doi: 10.1590/S1414-98932004000200008
- Holanda, A. F. (2005). Elementos de epistemologia da Gestalt-terapia. In A. F. Holanda & N. J. Faria (Org.), *Gestalt-terapia e contemporaneidade* (pp.23-56). Campinas: Livro Pleno.
- Holanda, A. F. (2009) Gestalt-terapia e abordagem gestáltica no Brasil: análise de mestrados e doutorados (1982-2008). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9 (1), 98-123. Recuperado de <http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/html/v9n1a09.html>
- Houaiss (2015). *Grande dicionário Houaiss beta da língua portuguesa*. Recuperado a partir de <http://houaiss.uol.com.br/>
- Hycner, R. (1995). *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, (2010). Sinopse dos resultados do Censo de 2010 [Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade]. Recuperado em <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/>
- Juliano, J. C. (2004). Gestalt-terapia: revisitando as nossas histórias. *IGT na Rede*, 1(1), 1-16. Recuperado de <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=33&layout=html>
- Lewin, K. (1965). *Teoria de campo em ciência social*. São Paulo: Pioneira.
- Lilienthal, L., Fernandes, M. B. & Ciornai, S. (2001). Os 50 anos da Gestalt-terapia. *Revista Insight*, 11(124). Recuperado de <http://www.gestaltsp.com.br/texto/os-50-anos-da-gestalt-terapia-2/>



- Lizias, S. (2010). Epistemologia gestáltica e prática clínica com crianças. In S. Antony (Org.), *A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento* (pp.47-77). São Paulo: Summus.
- Machado, A. M. N. (2002). Pânico da folha em branco: para entender e superar o medo de escrever. In Bianchetti, L. & Machado, A. M. N. (Orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações* (pp.267-283). São Paulo: Cortez.
- Mattar, C. M. (2010). Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e Gestalt-terapia. *Contextos Clínicos*, 3(2), 76-87.  
doi:10.4013/ctc.2010.32.01
- Ministério da saúde, Sistema único de saúde, Brasil. (s.d.) *Saúde da criança: materiais informativos*. Recuperado em [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_crianca\\_materiais\\_infomativos](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_materiais_infomativos)
- Nogueira, C. R., Lazaros, E. A., Fernandes, M. B., Cardoso, S. R. & Ajzenberg, T. C. P. (1995). Reflexões sobre o desenvolvimento da criança segundo a perspectiva da Gestalt-terapia. *Revista de Gestalt*, 4, 87-94.
- Oaklander, V. (1980). *Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. São Paulo: Summus.
- Oaklander, V. (1992). Gestalt work with children: working with anger and introjects. In Nevis, E. C. (Org.). *Gestalt therapy: perspectives and applications*. Cleveland: GICPress.
- Oliveira, D. C. (2008). Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Revista Enfermagem UERJ*, 16(4), 569-576. Recuperado de <http://www.facenf.uerj.br/v16n4/v16n4a19.pdf>

- Oliveira, D. C. A. (2010). Recriando histórias: o desabrochar da capacidade criativa em crianças a partir da Gestalt-terapia. *IGT na Rede*, 7(13), 354-367. Recuperado de <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=310&layout=html>
- Oliveira, E. D. F. (2014). Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-Terapia. *IGT na Rede*, 11(20), 105-119. Recuperado de <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=453&layout=html>
- Pedroso, V. B. V. (1998). Atendendo a criança. *Revista do IV Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*, 4, 66-70.
- Perls, F. (1977). *Gestalt-Terapia explicada*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata do lixo*. São Paulo: Summus.
- Perls, F., Hefferline, R. & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Peruzzo, G. (2011). Os ajustamentos criativos no desenvolvimento infantil: uma visão gestáltica. *IGT na Rede*, 8(15), 369-399. Recuperado de <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=331&layout=html>
- Pimentel, A. (2005). *Nutrição psicológica: desenvolvimento emocional infantil*. São Paulo: Summus.
- Pimentel, A. S. G. & Araújo, L. S. (2009). Hermenêutica gestáltica de uma violência sexual intrafamiliar. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 659-667. doi: 10.1590/S1413-73722009000400006
- Polster, E. & Polster, M. (2001). *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo: Summus.
- Prager, E. R. & Xavier, V. L. C. (2000). A Gestalt-terapia no atendimento infantil. *Revista do VI Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*, 6, 89-98.

- Prestelo, E.T. (2001). A história da Gestalt-terapia no Brasil: peles-vermelhas ou caras-pálidas? In A. M. J. Vilela; A. C. Cerezzo & H. de B. C. Rodrigues (Orgs.). *Clio-Psyché Hoje: Fazeres e Dizeres Psi na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. Recuperado de <http://www.laboratoriogestaltico.uerj.br/publicacoes/equipe/eleonora-historiadagestaltclyo.pdf>
- Ribeiro, J. P. (1999). *Gestalt-terapia de curta duração*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2005). A natureza epistemológica da abordagem gestáltica: Gestalt-terapia como processo. In Holanda, A. F. & Faria, N. J. (Orgs), *Gestalt-terapia e contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica* (pp. 145-170). São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2006) *Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2012). *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2013). *Psicoterapia: teorias e técnicas psicoterápicas*. São Paulo: Summus.
- Rodrigues, H. E. (2013). *Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia*. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas, Volume 1). São Paulo: Summus.
- Rodrigues, P. & Nunes, A. L. (2010). Brincar: um olhar gestáltico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16 (2), 189-198. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000200009&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000200009&script=sci_arttext)

Sabadini, A. A. Z. P., Sampaio, M.I.C. & Koller, S. H. (2009). *Publicar em Psicologia: um enfoque para a revista científica*. São Paulo: Usp.

Silva, C., & Arrelias, L. (2010). Ludoterapia gestaltica: dois casos clínicos. *Revista do NUFEN*, 2(1), 51-65. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912010000100004&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912010000100004&script=sci_arttext)

Soares, L. (2011). A psicoterapia com a Criança, por um fio. *IGT na Rede*, 8(14), 67-78. Recuperado de

<https://www.igt.psc.br/revistas/seer/ojs/viewarticle.php?id=321&layout=html>

Soares, L. L. M. (2001). Fundamentando a relação na Gestalt-terapia com crianças. *Revista do VII Encontro Goiano de Abordagem Gestáltica*, 7, 127-132.

Suassuna, D. (2008). *História da Gestalt terapia no Brasil contada por seus "primeiros atores": um estudo historiográfico no eixo São Paulo-Brasília*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

Suassuna, D. & Holanda, A. F. (2009). *"Histórias" da Gestalt-terapia no Brasil: um estudo historiográfico*. Curitiba: Juruá.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Unicef, Fundo das Nações Unidas, [Infância e adolescência no Brasil]. Recuperado de <http://www.unicef.org.br/>

Yontef, G. M. (1998). *Processo, diálogo e awarenss*. São Paulo: Summus.

- Zanella, R. (1998). Gestalt-terapia com crianças: o encontro cliente-terapeuta, criança-terapeuta, terapeuta-criança. *Revista do IV Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*, 4, 48-53.
- Zanella, R. (2004). Brincadeira é coisa séria: atendendo crianças na abordagem gestáltica. *Revista do X Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*, 10, 131-137.
- Zanella, R. (2005). Atendendo crianças no mundo contemporâneo: aspectos éticos. *Revista de Gestalt*, 14, 27-31.
- Zanella, R. (2010). A criança que chega até nós. In S. Antony (Org.), *A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento* (pp.109-122). São Paulo: Summus.
- Zorzi, C. M. (1991). *Nós, as crianças: uma abordagem gestáltica em psicoterapia infantil*. São Paulo: Manole Dois.

## **Apêndices**

## **Apêndice A**

### **Entrevista Versão Protagonistas**

- 1- Trabalha atualmente com crianças na abordagem gestáltica?
  
- 2- Faz algum tipo de leitura como suporte à sua prática com crianças? Qual?
  
- 3- Satisfaz sua necessidade teórica a publicação, hoje, de artigos e livros em Gestalt-terapia?
  
- 4- Está crescendo, na sua opinião, a literatura em Gestalt-terapia sobre crianças? Se sim, em qual aspecto?
  
- 5- Considera que existe carência de temas a serem explorados em Gestalt-terapia com crianças?
  
- 6- Indique algumas razões que te levam a publicar artigos na área de Gestalt-terapia com crianças.
  
- 7- Descreva a sua trajetória de publicações na Gestalt-terapia com crianças.

## Apêndice B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Versão Protagonista

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “*Gestalt-terapia com crianças: uma análise de sua produção teórica no Brasil*”, de responsabilidade de *Mariana Vieira Pajaro*, aluna de mestrado do Programa de Psicologia Clínica e Cultura, da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é investigar e descrever o cenário da Gestalt-terapia com crianças no Brasil a partir do levantamento da produção teórica (artigos e livros) e do olhar dos “protagonistas” e outros profissionais dessa área.

Você está sendo considerado “protagonista” por estar entre os autores com maior número de publicação na área de Gestalt-terapia com crianças no Brasil. Assim, gostaria de consultá-la sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa. Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe informo que, em consonância com os objetivos, você será identificado por ser considerado uma referência nesta área. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tal como a entrevista, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Para a coleta dos dados será utilizada uma entrevista semi-estruturada, contendo perguntas disparadoras, a partir das quais novos questionamentos poderão acontecer, caso sejam oportunos. Caso você se sinta desconfortável ou constrangida com alguma pergunta específica, poderá optar por não respondê-la sem qualquer prejuízo. É para este procedimento que você está sendo convidado a participar. Caso aceite, esse termo será assinado em duas vias, sendo uma sua e a outra da pesquisadora.

Sua participação na pesquisa implica no risco de constrangimento, uma vez que você será identificada no estudo. Para amenizar tal risco, você terá o direito de receber



uma cópia da transcrição de sua entrevista, antes de concluído o estudo, permitindo alterações que julgue necessárias no texto, para que então autorize a divulgação de seus dados. Além disso, esta pesquisa prevê benefícios indiretos a você à medida que possibilita a reflexão acerca de seu posicionamento e contribuição para com a abordagem gestáltica, o que repercute na oportunidade de consolidá-la.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (62) 8286-5555 ou pelo e-mail [marianapajaro@uol.com.br](mailto:marianapajaro@uol.com.br). A equipe de pesquisa reitera a garantia de que os resultados do estudo serão devolvidos a você por email para que possam ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH. Mais informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH [cep\\_ih@unb.br](mailto:cep_ih@unb.br).

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com você.

Obrigada.

Mariana V. Pajaro

---

Participante

---

Mariana V. Pajaro

## **Apêndice C**

### **Questionário Eletrônico Versão Autores**

- 1- Trabalha atualmente com crianças na abordagem gestáltica?
  
- 2- Indique motivos que levaram você a publicar um artigo na área de Gestalt-terapia com crianças.
  
- 3- Faz algum tipo de leitura como suporte à sua prática com crianças?
  
- 4- Como você vê a produção teórica (artigos científicos e livros) em Gestalt-terapia com crianças no Brasil?

## Apêndice D

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### Versão Autores e Profissionais

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “*Gestalt-terapia com crianças: uma análise de sua produção teórica no Brasil*”, de responsabilidade de *Mariana Vieira Pajaro*, aluna de mestrado do Programa de Psicologia Clínica e Cultura, da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é investigar e descrever o cenário da Gestalt-terapia com crianças no Brasil a partir do levantamento da produção teórica (artigos e livros) e do olhar dos protagonistas e outros profissionais dessa área. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tal como o questionário, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável.

A coleta de dados acontecerá por meio eletrônico. Você receberá um questionário anexado ao email contendo questões abertas que, após respondidas, deverão ser reencaminhadas ao email da pesquisadora. É para este procedimento que você está sendo convidado a participar. Caso aceite, após ler esse termo, você deverá retonar eletronicamente com os dizeres “ACEITO PARTICIPAR DA PESQUISA”.

Sua participação prevê como risco a possibilidade de desconforto ou constrangimento perante as perguntas do questionário eletrônico. Caso você se sinta desconfortável ou constrangido(a) com alguma pergunta específica, poderá optar por não respondê-la sem qualquer prejuízo. Além disso, essa pesquisa prevê como benefícios indiretos a você a possibilidade de reflexão acerca de seu posicionamento e

contribuição para com a abordagem gestáltica, o que repercute na oportunidade de consolidá-la.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, poderá me contatar através do telefone (62) 8286-5555 ou pelo e-mail [marianapajaro@uol.com.br](mailto:marianapajaro@uol.com.br). Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH [cep\\_ih@unb.br](mailto:cep_ih@unb.br).

Mariana Vieira Pajaro

(Aluna de mestrado do Departamento de Psicologia Clínica e Cultura da  
Universidade de Brasília)

Jorge Ponciano Ribeiro

(Professor Doutor do Departamento de Psicologia Clínica e Cultura da  
Universidade de Brasília)

## **Apêndice E**

### **Questionário Eletrônico Versão Profissionais**

- 1- Trabalha atualmente com crianças na abordagem gestáltica?
  
- 2- Faz algum tipo de leitura como suporte à sua prática com crianças? (Se sim, cite)
  
- 3- Como você vê a produção teórica (artigos científicos e livros) em Gestalt-terapia com crianças no Brasil?
  
- 4- Se interessa em publicar na área? Justifique.